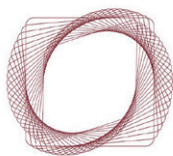


VARIDADE

**Revista do Instituto Clínico de Psicanálise de
Orientação Lacaniana de Santa Catarina**

nº 1 | março 2020



Instituto

Clínico de Psicanálise de Orientação
Lacaniana de Santa Catarina

DIRETORIA

Laureci Nunes
Diretora-geral

Oscar Reymundo
Diretor de Ensino

Maria Teresa Wendhausen
Diretora de Núcleos de Pesquisa e Clínica

Romildo do Rêgo Barros
Consultor do Instituto

Diego Cervelin
Fred Stapazzoli (responsável)
Laureci Nunes
Equipe de Publicação

Diego Cervelin
Fred Stapazzoli
Laureci Nunes
Revisão

Fernanda Volkerling
Imagem de capa

Chris Dalla Costa
Diagramação

Gilberto Rudeck da Fonseca (EBP/AMP); Glacy Gonzales Gorski (EBP/AMP);
Luis Francisco E. Camargo (EBP/AMP); Ram Mandil (EBP/AMP); Raúl Antelo (UFSC);
Rômulo Ferreira da Silva (EBP/AMP); Tânia Abreu (EBP/AMP)

Conselho Editorial

O conteúdo dos artigos é de exclusiva responsabilidade dos autores. Todos os direitos reservados ao Instituto Clínico de Psicanálise de Orientação Lacaniana de Santa Catarina.

Rua Prof. Ayrton Roberto de Oliveira, 32, Ed. Laguna Corporate Center, Térreo
CEP 88034-050 | Florianópolis/SC. Telefone: (48) 3365-1361.
institutocpolsc@gmail.com

Endereço

Variedade
v.1, n. 1 (mar. 2020) - - Florianópolis: Instituto Clínico de Psicanálise de
Orientação Lacaniana de Santa Catarina, n. 1, mar. 2020.

Anual
ISSN:

1. Psicanálise. 2. Periódicos. I. Instituto Clínico de Psicanálise de Orientação
Lacaniana de Santa Catarina.

CDU: 159.964
CDD: 150.195

SUMÁRIO

Editorial, Laureci Nunes, 5

O que orienta

A Escola e suas vizinhanças. O Instituto, Graciela Brodsky, 10

O ensino da psicanálise no Instituto e na Escola, Laureci Nunes, 20

Abertura, Maria Teresa Wendhausen, 25

Ensino no Instituto, Oscar Reymundo, 27

Ensino e Pesquisa

Comentários no Colóquio dos Ateliês, Silvia Salman, 31

Algumas considerações em torno do escrito de Jacques Lacan A direção do tratamento e os princípios de seu poder, Ateliê de Leitura *A direção do tratamento*, 43

O gozo infamiliar em Miss Violence, Núcleo Pandorga, 47

Pulsão de morte e gozo na dialética sádico-kantiana do supereu, Matheus Felipe de Castro, 51

Intercâmbio

O problema psicanalítico dos efeitos terapêuticos, Guy Trobas, 56

EDITORIAL

Variedade é o neologismo proposto por Lacan para situar os limites, os impasses com a verdade na prática psicanalítica. Trata-se do impossível de dizer na fala do analisante e, por consequência, dos limites que se impõem à leitura, pelo psicanalista, dos ditos do paciente, que crê dizer do verdadeiro. De Freud a Lacan, há um imenso percurso no discernimento da verdade no trabalho analítico; ela é desde impotente ante o rochedo da castração em Freud e segue até aquilo que fala em “A Coisa freudiana”, artigo do primeiro ensino de Lacan ou aquilo que tem estrutura de ficção ou que é mentirosa em relação ao real, porque ela não faz senão articular sentido. No *Seminário 24*, Lacan vai mais longe e o que está em pauta é a existência do falasser como Um, sem Outro. Ali, ele aponta que a razão está mais próxima da *raciocinação* do que do raciocínio e que ela, ao dar voltas, repete o sintoma, o que não cessa de se escrever e faz obstáculo à verdade, ele é a variedade e a variável da verdade. Assim, engolindo o primeiro “e” da palavra francesa *variété*, Lacan fez surgir *varité*, a *variedade* do sintoma, o que é possível obter pela fala em relação à verdade do analisante¹.

É nessa mesma aula do *Seminário 24* que Lacan sugere aos analistas que se inspirem na escrita poética chinesa para se conduzirem na clínica, pois, nessa escrita, poderiam colher uma semente do que poderia ser a interpretação psicanalítica, aquela que faz extinguir um sintoma. E isso porque os poetas chineses, ao unirem estreitamente som e sentido, fazem ressoar algo do que toca o corpo e que não está ligado ao sentido, um novo dizer que se aproxima do chiste, do equívoco ou de uma economia.

Na busca por um nome para nossa publicação, *Variedade* foi o nome proposto por Liège Goulart e, recebido com entusiasmo pelos colegas, representou um basta à procura que nos mobilizava. Dessa escolha quase unânime, resta saber por que um neologismo tão afeito à psicanálise em intenção, que aponta o pathemático², foi recebido com tão bom grado para nomear a publicação do lado da extensão, do Instituto, ligado à transmissão dos matemas.

¹ Cf. tradução elaborada por Jairo Gerbase, em apostila de circulação interna, em relação ao *Seminário 24*, Lacan, datada de 07 jan. 1999.

² COCCOZ, Vilma. “Variedade”. *Silicet — Um real para o século XXI*. Belo Horizonte: Scriptum, Escola Brasileira de Psicanálise, 2014, p. 399.

Desdobrando o significante *variedade* em variedade e variável, ousou fazer uso dele para levantar a questão do valor da transmissão da psicanálise em três campos: na Escola, no instituto e na universidade. Jacques-Alain Miller, com Lacan, isola o testemunho do analisante como o núcleo do ensino em psicanálise³ e à sua transmissão ideal via os matemas; um restrito à transmissão na Escola e o outro demonstrativo, gradual e extensivo para todos no instituto, onde a psicanálise se encontra com a universidade. O ensino no Instituto, ainda que outorgado com certificados e diplomas, continua JAM, não habilita ao exercício da psicanálise. Na Escola, também não se obtém a autorização ao exercício da psicanálise, o praticante faz isso por conta e risco. A produção de uma analista advém da análise pessoal, mas é, na Escola, que se apreende o fundamental da formação do analista e compete à Escola reconhecê-la. A universidade fornece diplomas que autorizam o exercício profissional, mas o que pode ela em relação à transmissão da psicanálise, já que está organizada para fazer circular a letra morta, saber semblante da verdade, que forclui o sujeito tomando-o como objeto de um saber que se apresenta como completo?

Silvia Salman, no artigo publicado nesta revista, nos ajuda a seguir adiante nesse aparente impasse ao dizer que é preciso pensar os modos de ensino que se dão em cada caso e que um não impede a formação no outro. Mesmo assim, há que saber em que posição cada um se encontra em cada lugar e que alcance tem a decisão de formar-se em cada um deles, inclusive com nomes diferentes dependendo de onde se esteja: praticante, participante ou estudante.

A dimensão “variedade” de *Variedade* me permite pensar também a tensão entre o Um e o múltiplo, sendo esse último mais ligado aos institutos, onde está o desafio não só de incluir e de se servir de diversos discursos, como o de acompanhar diversas práticas, a psicanálise aplicada, sem perder o Um da orientação que se interessa pelo real da não relação sexual, não importando em qual espaço institucional (escola, hospital, presídio ou mesmo a rua) o psicanalista seja convocado a operar.

Convido-os a ler o número 1 de *Variedade*, começando pela seção *O que nos orienta*, que está destinada à veiculação de textos que esclareçam a existência dos institutos no Campo Freudiano e que nos ajudem a escolher o caminho a trilhar na transmissão da psicanálise, à diferença com a transmissão da Escola, mas sem dela se separar. Neste número, temos a alegria de publicar “A Escola e suas vizinhanças”, texto gentilmente cedido por Graciela Brodsky. Nele, além da riqueza

³ MILLER, J.-A. *Prólogo de Guitrancourt*. Disponível em: <<https://www.redicf.net/prologo-de-guitrancourt>>. Acesso em: 29 jan. 2020.

histórica, um documento mesmo, podemos localizar os delicados e ricos ingredientes que compõe a vizinhança Instituto-Escola. “O ensino da psicanálise no Instituto e na Escola”, “O ensino no Instituto” e “Abertura” são os textos de Laureci Nunes, Oscar Reymundo e Maria Teresa Wendhausen, aqui incluídos por serem linhas orientadoras das ações propostas por nós, diretores do instituto.

A seção *Ensino e Pesquisa* dá a conhecer o que se produziu no instituto a cada ano, fazendo circular textos selecionados, advindos dos núcleos de pesquisa, dos ateliês de leitura, das jornadas dos participantes do Curso de Psicanálise (CPOL), assim como textos que digam dos efeitos desses trabalhos. Esse é o caso do artigo de Sílvia Salman, “Comentários no Colóquio dos Ateliês de Leitura”. A partir de sua experiência na Escuela de la Orientación Lacaniana, Sílvia situa a visada em psicanálise concernente ao trabalho nos institutos, ao mesmo tempo que traz generosas pontuações do novo que recolheu ao se debruçar sobre os textos de cada ateliê de leitura quando coordenou o *I Colóquio dos Ateliês do ICPOL*. “Algumas considerações em torno do escrito de Jacques Lacan A direção do tratamento e os princípios de seu poder” é o texto coletivo do ateliê que foi coordenado por Diego Cervelin e Fernanda Turbat. Eles registram as marcas do aprendizado obtido na leitura do escrito de Lacan, além de aportar instigantes considerações sobre os significantes “direção”, “cura” e “poder”. “O gozo infamiliar de *Miss Violence*” reúne as consequências das investigações do Núcleo de Pesquisa da Clínica de Psicanálise com Crianças — Pandorga, coordenado por Jussara Jovita. O fio condutor é o filme dirigido por Alexandros Avranas, que esteve presente nos últimos três anos dos trabalhos do núcleo, na medida em que lhes permitiu circunscrever o tema das crianças violentas e o autismo do gozo, além de incluir o tema do próximo período de trabalho, a diferença sexual na infância. O texto se detém sobre a precisão do infamiliar, o *unheimlich*. Dos trabalhos apresentados na jornada dos participantes destacamos o texto de Matheus Felipe de Castro, “Pulsão de morte e gozo na dialética sádico-kantiana do supereu”, que se interessa pela escolha inconsciente entre neurose e perversão. O autor se interroga sobre a tese lacaniana da complementariedade entre a moral kantiana e o imperativo de gozo sadiano e percorre um preciso caminho ao servir-se do conceito de supereu em Freud e Lacan, entre a interdição e o que manda gozar ferozmente.

Intercâmbio é a seção destinada a publicar as múltiplas contribuições recebidas dos nossos convidados de outras seções ou escolas e também de outros campos do saber. Na conferência “O problema psicanalítico dos efeitos terapêuticos”, Guy Trobas brindou nossa comunidade ao aportar

VARIDADE

questões teóricas precisas de um problema clínico que atravessa a todos, não só no difícil estabelecimento de campo entre psicanálise e psicoterapia, como também das dificuldades intrínsecas à prática psicanalítica mesma, já que não há clínica sem transferência e o que o efeito de sugestão mantém algo de ineliminável dentro da própria relação transferencial.

Para finalizar, quero agradecer os colegas associados do instituto pelo voto de confiança na proposta da diretoria de publicar *Variedade*. Aos autores que gentilmente cederam seus escritos, a Paula Nocquet pelas transcrições e traduções, a Fernanda Volkerling que cedeu a foto de capa, e aos colegas que trabalharam incansavelmente para que esse lançamento fosse possível, Diego Cervelin e Fred Stapazzoli, que coordenou a equipe de publicação.

Aproveitem a leitura!

Laureci Nunes

VARIDADE

O. que
orienta

A ESCOLA E SUAS VIZINHANÇAS. O INSTITUTO⁴

GRACIELA BRODSKY⁵
gbrodsky@lacanian.net

Gabriela D'Argenton — Vamos começar a trabalhar outra noite, mais uma na série das noites convocadas pelo Conselho Estatutário da EOL, que tem por objeto convidar colegas que estão conosco desde antes da fundação da nossa Escola e responsáveis pelo movimento psicanalítico nacional e internacional também.

Esta noite, convidamos e aceitamos Graciela Brodsky, que, certamente, não requer apresentações e me pediu, especialmente, para não dizer um monte de títulos e coisas que, é claro, têm e vocês conhecem, mas, sim, direi que ela é AME e é a diretora do Instituto Clínico de Buenos Aires — ICdeBA.

O convite do Conselho foi que cada um dos convidados tomasse a perspectiva que quisesse ao redor de um tema central, que é “A Escola, hoje”. E cada convidado escolhe uma. Graciela quis situar a perspectiva que trabalhará esta noite, a Escola e suas vizinhanças, especialmente o Instituto. Dou-lhe a palavra, Graciela.

Graciela Brodsky — Boa noite! Antes de tudo, um agradecimento ao Conselho Estatutário que armou essa série de noites em que convocam os membros da Escola para debater temas variados de acordo com interesse ou o momento de cada um. Quando Guillermo Belaga me chamou para transmitir o convite do Conselho, não pensei muito para dizer “vou falar do Instituto”, pois é o que tenho de mais próximo neste momento, pela responsabilidade que tenho na direção do ICdeBA.

Dividi a intervenção de hoje em quatro itens: o primeiro, é o Instituto do Campo Freudiano; o segundo, o Instituto e a Escola; o terceiro, a distinção entre Escola e Instituto; e o quarto, a Interseção.

O Instituto do Campo Freudiano (ou não nascemos de um repolho)

Então, farei um percurso através da história, dos antecedentes, que muitos de nós há tempos não percorremos, e que muitos de vocês que se aproximaram muito mais tarde da Escola, do Instituto, do ICdeBA, não conhecem. São documentos, decisões que seguramente vocês não conhecem porque faz tempo que não transitamos por esses textos.

⁴ Conferência proferida na atividade Noites do Conselho, *A Escola, hoje*, promovida pelo Conselho Estatutário da Escola de Orientação Lacaniana — EOL. Disponível em: <<http://www.radiolacan.com/pt/topic/1293>>. Acesso em: 24 jan. 2020.

⁵ Analista Membro da Escola, membro EOL/NEL/AMP.

Como consequência de maio de 68, no clima de maio de 68 — como observam, remontamos longe —, cria-se, na Universidade de Paris VIII (que é *Vincennes*, nós a conhecemos pelo famoso texto de Lacan, “Talvez em Vincennes...”⁶), o Departamento de Psicanálise. Em 1973, em paralelo à criação ao Departamento de Psicanálise de Paris VIII, Lacan fazia a cada 15 dias suas apresentações de doentes em Sainte-Anne, e nos 15 dias alternos, um grupinho de jovens que participava das apresentações dos doentes se reunia no bar na esquina. Esse grupinho que discutia entre si o que havia ocorrido na apresentação de doentes da semana anterior se chamou a si mesmo, de maneira informal, de Círculo de Clínica Psicanalítica. Nesse círculo, estava Jacques-Alain Miller e alguns outros.

Em 1977, cria-se a Seção Clínica de Paris. Vocês conhecem o texto “Abertura da Seção Clínica”⁷. Nós o estudamos reiteradamente. Esse grupinho informal, que era o Círculo de Clínica Psicanalítica, passa a fazer parte da Seção Clínica.

Em fevereiro de 1979, Jacques Lacan cria a Fundação do Campo Freudiano. Em 1980, é a dissolução da Escola Freudiana de Paris e a criação da Escola da Causa Freudiana. Em 1981, morre Lacan. Em 1982, exatamente antes da “Conversação de Arcachon” — Miller fez circular esse livreto, de modo a fazer recordar, um lembrete de nossas origens (um pouco como o que pretendo fazer aqui), com a perspectiva de uma reformulação das Seções Clínicas. Diz Miller, ali, que assistimos à multiplicação dos Núcleos do Campo Freudiano: nasce o CEREDA (Centro de Estudos e Pesquisas sobre a Criança no Discurso Analítico), dirigido pelos Lefort; I.R.M.A. (Instituto de Pesquisa sobre o Matema Analítico); o Grupo de Psicanálise e Medicina; o GRETA (Grupo de Pesquisas e Estudos sobre Toxicomania e Alcoolismo), o grupo de toxicomania; o grupo franco-japonês; o grupo franco-brasileiro... São os grupos do Campo Freudiano o primeiro sinal da expansão daquilo que havia começado como um grupinho que se reunia no café nos quinze dias alternos da apresentação de doentes de Lacan.

No ano de 1984, a Seção Clínica, que foi criada em 1977, une-se ao Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII e ao D.E.A., que ainda é, dentro da Universidade, um mestrado, um Diploma de Estudos Aprofundados. Quer dizer que aí se junta a Seção Clínica, que era para-universitária, com duas instâncias decididamente universitárias: o Departamento de Psicanálise, que vinha desde 68, e o D.E.A. Isso cria uma nova instância, que se chama Seção Clínica e Estudos Aprofundados (*La Section Clinique et des Études Approfondies*). Quer dizer que, nesse momento, há uma confluência desta estrutura externa à Universidade com a Universidade, e a Seção Clínica e Estudos Aprofundados passa a ser esse misto entre a Seção Clínica, de 1977, e o Departamento de Psicanálise de Paris VIII, de 1968.

⁶ LACAN, J. Talvez em Vincennes... In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 316-318.

⁷ LACAN, J. Abertura da Seção Clínica, *Opção Lacaniana*, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, v. 30, São Paulo: Eólia, 2001, p. 9.

Em 1986, começa-se a perceber a dificuldade que isso implica, porque a Universidade coloca requisitos universitários e torna densa a estrutura da Seção Clínica, que antes era muito leve. Nesse momento, Miller toma a decisão de criar uma segunda Seção Clínica. Uma é a Seção Clínica de Paris Saint-Denis, a que faz parte da Universidade de Paris VIII, e a outra é a Seção Clínica de Paris Île de France, independente da Universidade. Há, nesse momento, duas Seções Clínicas.

Em 1987, Miller cria o Instituto do Campo Freudiano. Em 1988, diz, nesse texto que lhes apresento, começam a pulular os clones: em distintas cidades da Europa, começam a se criar instâncias análogas à Seção Clínica, com apresentações de doentes e com programas variados. Para frear o efeito “clone”, Miller propõe, então, conferir a essas iniciativas uma verdadeira estrutura. Em 1989, abre-se a Seção Clínica de Barcelona e de Bruxelas, e se iniciam os seminários do Campo Freudiano na América Latina. Muitos de nós já estávamos lá.

O “Prólogo de Guitrancourt”, que Miller escreve em 1988, é uma resposta à proliferação dessas iniciativas dispersas e antecede à criação da Seção Clínica de Barcelona e de Bruxelas. O “Prólogo de Guitrancourt” é o texto que orienta e dá fundamento a todas as Seções Clínicas dos Institutos do Campo Freudiano.

Como recordarão, o “Prólogo de Guitrancourt”, escrito no dia 15 de agosto de 1988, começa dizendo:

Em nenhuma parte do mundo existe Diploma de Psicanálise. E não por acaso ou inadvertência, senão por razões decorrentes da essência do que é a psicanálise. Não se vê qual poderia ser a prova de capacitação que verificaria ao psicanalista, já que o exercício da psicanálise é de ordem privada, reservada à confiança que o paciente faz ao seu analista do mais íntimo da sua cogitação⁸.

Miller faz um desenvolvimento que não irei repetir, indicando que a única prova, a única maneira de obter uma “definição” do que é um psicanalista, não provém da universidade, nem dos diplomas, provém do passe. E faz a continuação, um desenvolvimento do passe:

O que aqui designo como testemunho do analista é o [núcleo do ensino de Lacan] núcleo do ensino da psicanálise, enquanto ela responde à pergunta de saber o que é que pode se transmitir ao público de uma experiência essencialmente privada. Jacques Lacan estabeleceu esse testemunho sob o nome de passe (1967), e deu o ideal desse ensino, o matema (1974). De um ao outro [do passe ao matema], há toda uma gradação, o testemunho do passe, ainda sobrecarregado com a particularidade do sujeito, está con-

⁸ MILLER, J.-A. *Prólogo de Guitrancourt*. 1988. Disponível em: <<https://www.redicf.net/prologo-de-guitrancourt/>>. Acesso em: 24 jan.2020. Tradução do editor.

finado a um círculo restrito, interno ao grupo analítico, o ensino do matema, que deve ser demonstrativo, é para todos — e aí é onde a psicanálise se encontra com a universidade⁹.

Escutem isto: “Devo deixar bem claro o que é e o que não é esse ensino. É universitário, é sistemático e gradual, responsáveis qualificados o ministram, sanciona-se com certificados e diplomas. Não é algo que habilite para o exercício da psicanálise [...]”¹⁰.

A partir daí, a distinção passe-matema é a chave da distinção Escola-Instituto. Miller retoma essa ideia na “Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola”¹¹: tudo na Escola é analítico.

Em 1988, os clones. Em 1989, abertura das Seções Clínicas de Barcelona e Bruxelas, início dos Seminários do Campo Freudiano. 1989, crise da ECF. Creio que daí provém “Acier l’ouvert”¹² e uma série de documentos que deveríamos estudar linha por linha e que refletem o que foi a crise nesse momento da ECF.

A partir de então, diz Miller nesse livreto distribuído antes da “Conversação de Arcachon”: “com o mesmo cuidado que havia colocado em construir o Instituto, me consagrei à criação das Escolas do Campo Freudiano”. Em 1991, dois anos depois, no texto de criação do que se chamou de I.R.M.A., na Argentina, Miller escreve: “Lacan chegou a dizer “não há formação do analista, só há formações do inconsciente”. E isso é certo. No entanto, o analista não é produto de nenhuma imagem, *Bild*, “imagem”, de onde *Bildung*, “formação”. Senão, o ressabio sem forma alguma que o deixa sua própria análise. Esse ressabio, que não toca um sábio, e não proíbe formalizar a função objeto pequeno *a*, é impossível transmiti-lo sob a forma do matema. Não se maneja, senão na medida da sua própria análise. Também por isso digo que não há transmissão da psicanálise, que cada um recomeça do zero, mas, qual é esse zero do saber? Não é outro senão aquele em que se sustenta o desejo do saber e não está ao alcance de qualquer um, mas de um sujeito verdadeiramente sem preconceitos, advertido de que aquilo que produz sentido e gozo para ele não produz sentido e gozo para outro. A ignorância de que se trata é douda, é metódica, é difícil. De fato, há de se saber que o zero de um, não é o zero de outro, tem o valor exato do saber que suspende, não o anula. A confusão sobre o zero, entrei na carreira denunciando-a, faz-se acreditar que em psicanálise quanto menos se sabe, melhor é. Na verdade, é o contrário. Daqui parte uma necessidade permanente a qual responde o Instituto do Campo Freudiano, esse Instituto levará na Argentina um nome novo, onde cada palavra está medida; I.R.M.A — Investigação Ra-

⁹ MILLER, 1988, tradução do editor.

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ MILLER, J.-A. Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola. *Opção Lacaniana online nova série*, ano 7, n. 21, nov. 2016, p.12. Disponível em: < http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_21/Teoria_de_Turim.pdf >. Acesso em: 24 jan. 2020.

¹² MILLER, J.-A. *Acier l’ouvert*. Disponível em: < http://www.valas.fr/IMG/pdf/miller_1_acier_1_ouvert.pdf >. Acesso em: 24 jan. 2020.

cional do Matema Analítico. ‘Investigação’ porque o novo é essencial, sendo a docência facultativa e dependendo do efetivamente realizado; ‘racional’, remete à razão, precisamente, à razão depois de Freud, que é a da instância da letra; do ‘matema analítico’, isso vale para aqueles que prosseguem na via de Lacan”.

Em 1994, Miller redige um texto que se chama “Panorama do Instituto”: “O seminário ditado por Jacques Lacan, de 1953 a 1980, assegurou, por si só, a formação permanente do percurso de várias gerações de analistas. Seu ensino, que restituiu e renovou o sentido da obra de Freud, motivou, nos anos 60, a criação de uma Escola, a Escola Freudiana de Paris e de uma Seção de Psicanálise em uma universidade parisiense. Atualmente, esse mesmo ensino inspira numerosos grupos psicanalíticos do mundo, entre eles, as Escolas reunidas na AMP e continua orientando o trabalho que desenvolve o Instituto do Campo Freudiano. O Instituto do Campo Freudiano se inscreve no marco associativo. É a continuação, desde 1987, do Círculo de Clínica Psicanalítica. O Instituto criou diversas seções, a Seção Clínica de Paris, de Madri, de Barcelona, de Roma, de Bruxelas, a Seção Clínica de Buenos Aires. Começou suas atividades públicas em março de 1994. Na Argentina, já existia o Colégio Freudiano de Córdoba e, em Buenos Aires, uma Instituição associada ao Centro Descartes. O Instituto criou também Seminários e espaços do Campo Freudiano que são instâncias de formação permanente, assegurando intervalos regulares e, de maneira continuada, um ensino fundamental da psicanálise, tanto teórico como clínico, seguindo a orientação lacaniana. A direção do Instituto está a cargo de Jacques-Alain Miller, com a colaboração de vários coordenadores”.

Em 1996, soubemos que a Associação Psicanalítica Argentina, a APA, fez os trâmites para transformar o Instituto em um Instituto Universitário, que incluía o didático e que outorgaria o título de psicanalista. Isso é 1996.

Em 1997, Jacques-Alain Miller dirige a seguinte carta ao Conselho da Escola de Orientação Lacaniana: “Em minhas funções de diretor do Instituto do Campo Freudiano e de sua Seção Clínica em Buenos Aires, tive conhecimento do texto que regulamentou a lei de educação 24 521, em particular o título III, assim como um documento da APA, com data de 8 de setembro último, sobre o reconhecimento da psicanálise. Ademais, a entrevista que mantive o mês passado com dois responsáveis da APA me confirmou que essa associação estava a caminho de preparar as condições do reconhecimento oficial de um Instituto, um *cursus* propriamente analítico. A psicanálise didática estaria incluída em seus programas. Parece que a APA interpreta a lei num sentido italiano [é a famosa lei Ossicini da regulamentação do exercício da psicanálise] e que oferecerá por si mesma a prática analítica ao controle de instâncias estatais. Nossa posição é a contrária; queremos resistir a esse controle. Encaminho a resolução votada nesse ponto pelo Conselho da AMP, em julho do ano passado. De qualquer modo, é prudente proteger nossa formação caso se chegue à situação em que se tome um rumo adverso para nós.

É assim como procedemos na Europa multiplicando Seções Clínicas e Antenas. A atual Seção Clínica de Buenos Aires constitui um empuxo, mas, como pequeno organismo para-universitário, não está à altura da aposta que agora se revela. Aquilo de que se trata agora é saber se é possível criar um verdadeiro Instituto universitário, que responda aos requisitos da lei e permita outorgar um título de pós-graduação”.

Dessa iniciativa nasce, doze anos depois, o mestrado em clínica psicanalítica, fruto de um convênio entre o Instituto Clínico de Buenos Aires, o ICdeBA (ex Seção Clínica de Buenos Aires), e a Universidade Nacional General San Martín.

Bem, isso é de onde viemos e aonde chegamos. Como veem, é uma longa história.

O Instituto e a Escola

A relação entre o Instituto e a Escola atravessa a formação que as instituições analíticas de Freud em diante dispensam. Conforme seguramente vocês sabem, o Instituto da IPA é a porta de entrada da Associação. O Instituto e a Associação fazem parte de um mesmo sistema progressivo: entra-se por um lado e sai-se pelo outro. Não é essa a orientação que temos e que nos legou Lacan. De qualquer modo, quero que recordem que a tensão interna do Instituto é a causa da cisão de 1953, da Sociedade Francesa de Psicanálise. Lacan é presidente da Sociedade e vai ser diretor do Instituto. Colocaram-se em consideração dois programas para o Instituto: o programa que apresenta Natch e o programa para o Instituto que apresenta Lacan.

O projeto do trabalho de Natch começa dizendo: “Exposição de motivos: em particular, não esquecer que a separação entre embriologia, anatomia, fisiologia, psicologia, sociologia clínica não existe na natureza e não há mais que uma disciplina: a neurobiologia. A que a observação nos obriga agregar um adjetivo de humana, no que nos concerne”.

A isso lhe responde Lacan com seu programa próprio e cita Freud: “Se se tivesse que fundar uma faculdade analítica, ideia que hoje parece fantástica, ensinar-se-iam matérias que também a escola de medicina ensina, junto com a psicologia profunda, a do inconsciente, que seguirá sendo o ponto forte. Haveria que ensinar também tão amplamente quanto fosse possível a ciência da vida sexual e familiarizar aos alunos com os quadros clínicos da psiquiatria. Por outro lado, o ensino analítico incluiria matérias que estão bem distantes da medicina e que o médico nunca requer em sua prática: história da civilização, mitologia, psicologia da religião e crítica literária. Sigmund Freud”.

Os dois projetos se contrapõem e com a contraposição se produz a primeira cisão e Lacan sai da Sociedade de Psicanálise de Paris e cria a Sociedade Francesa de Psicanálise. A ideia do Instituto como porta de entrada à Associação é precisamente o que Lacan rechaça ao separar a Escola do Instituto. Tenham em conta que o Instituto, o Departamento de Psicanálise e sua Seção Clínica antecedem em muitos

anos a criação da Escola. Duas instâncias separadas. O Instituto não é a porta de entrada da Escola. Enfim, tampouco é a porta de não entrada, mas nada indica que esse seja um caminho de vias traçadas.

A separação do Instituto e da Escola é parte central de nossa orientação. A distinção entre a Escola e o Instituto, quer dizer, a distinção a fundo entre passe e matema, que Miller formula com todas as letras no “Prólogo de Guitrancourt”, encontra momentos de radicalização extrema, por exemplo, na “Nota Italiana”¹³. A “Nota Italiana” é um momento de radicalização extrema, em que a Escola está somente sustentada no dispositivo do passe, uma Escola de AEs¹⁴. É a expectativa de Lacan, expectativa que não se cumpre, mas essa Carta sinaliza essa direção. E, já em nossa época, a ideia do passe na entrada retoma o dispositivo do passe como porta de entrada da Escola, separado de qualquer percurso curricular. Bem sabem que o dispositivo do passe na entrada foi suspenso pelas consequências que tinha no dispositivo analítico próprio, o impacto que produzia nas análises. Mas são dois momentos institucionais em que a radicalização da distinção entre Instituto-Escola é mais manifesta, porque o peso está posto integralmente no passe em relação com a Escola.

Disso, somos profundamente herdeiros — quer o saibamos ou não. Somos herdeiros das decisões tomadas por Jacques-Alain Miller no que conhecemos como o legado do Delegado-geral da AMP no ano de 2002, no momento de sua permutação. Leio umas partes: “No ano 2000, a política de deflação percebida desde esse momento trouxe uma dificuldade nas Escolas que tem importante número de aderentes, a EOL, 188, a EBP, 197. Essa dificuldade era esperada, é permanente, não tem caráter agudo. 4) A ideia de um crescimento ilimitado indefinidamente que prevalecia antes no Campo Freudiano, era uma ilusão. Ela foi dissipada, estourou como estouram as bolhas financeiras, infladas pelas exuberâncias irracionais. As Escolas não poderiam continuar crescendo sem a condição de degradar a barreira que separa a psicanálise da psicoterapia. A escolha da deflação numérica e da exigência analítica era uma eleição forçada. Que fortaleça a AMP. 5) O que não quer dizer que devemos nos resignar a que o crescimento numérico não se retome, mas: a) não se retomará através das Escolas; b) somente se retomará sob condição de que o Campo Freudiano rivalize de boa maneira com a psicoterapia. Nosso campeão em nosso terreno se chama a psicanálise aplicada. As Seções Clínicas legadas ao Instituto do Campo Freudiano oferecem, agora, uma formação em clínica analítica, um ateliê, etc. Então, corresponde às Escolas proteger e cultivar a psicanálise pura. Então: a) Admissões: não há flexibilidade, seja qual for o preço a pagar; b) Passe: é preciso se inquietar porque as águas baixam nesse momento, havia poucas demandas, é o retorno ao regime normal após a inflação inicial; c) Garantia: o momento é propício para colocá-la, ou voltar a colocá-la em andamento”.

¹³ LACAN, J. Nota Italiana. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 311-315.

¹⁴ Analista de Escola

Somos os herdeiros desse legado, sabendo-o ou não, aplicando-o automaticamente ou não. Essa posição de princípio compõe esse legado, ao que não renunciamos.

A interseção entre a Escola e o Instituto

O item anterior foi a divergência, a separação, inclusive extrema entre Escola e Instituto, e, agora, vêm algumas reflexões sobre a interseção, e aí podemos conversar.

A primeira interseção, tomo como modelo somente o que conheço, o ICdeBA e o mestrado. Os ensinantes, tanto do ICdeBA como do mestrado, são todos membros da Escola. Isso faz com que o que transmitimos seja o espírito da EOL, da AMP e da Orientação Lacaniana. Um detalhe que quero lhes contar e que em outro dia, em uma conversa num cafezinho de intervalo com Gabriela D'Argenton, que me acompanha, comentávamos que Jacques-Alain Miller nunca admitiu que separássemos os prédios, quer dizer, que o ICdeBA e a Escola funcionassem em locais separados. Somos vizinhos, daí as vizinhanças. Tentei pescar-lhes alguma referência matemática, mas Arenas me demonstrou que não. Tentei buscar alguma referência topológica, mas Schejtman me explicou que não. Então, as vizinhanças nossas são as do Chaves [um programa infantil mexicano de TV que se transmitiu por muitos anos]. Não vamos mais além disso. Compartilhamos o espaço e os gastos, mas, sobretudo, compartilhamos uma orientação dentro da psicanálise e um mesmo destino.

O que se ensina no ICdeBA e no mestrado é a psicanálise de Orientação Lacaniana. Fazemos existir para os jovens interessados na psicanálise a Orientação Lacaniana no ensino da psicanálise. Isso é claro e está resolvido. Não creio que haja muito tema para pensar aí.

O que me parece mais interessante para refletir é a interseção que se produz entre a Escola e o Instituto em nível de ensino. É sobre isso que vale a pena se deter, conversar e dar-se o tempo necessário para pensá-lo conjuntamente. Não somente porque compartilhamos o edifício, mas porque compartilhamos um interesse pela difusão da psicanálise de Orientação Lacaniana e, ao mesmo tempo, por preservar o que é propriamente da Escola, quer dizer, as instâncias, o passe, a garantia, o cartel, o que faz a substância mesma da Escola, completamente distinta do que faz a estrutura do que pode ser o ICdeBA ou o mestrado, que respondem ao discurso universitário.

Nessa interseção, imaginemos círculos, dois Diagramas de Venn, e a interseção. Nessa interseção, coloco a frase de Lacan: “o que a psicanálise ensina, como ensiná-lo?”. O problema do ensino no ICdeBA é simples de resolver. Curso propedêutico, apresentação de doentes, reflexões sobre a clínica, a casuística, cursos avançados, etc. Nesse plano, há muitas reflexões por fazer. Por exemplo: por que continuamos chamando de clínica das neuroses e das psicoses? Poderíamos ter uma pequena renovação desses conceitos, mas se mantém uma tradição e continuamos chamando-os

assim. Há muita reflexão interna do Instituto, por exemplo: o que fazer com a demanda de formação profissional que as pessoas têm? As pessoas não têm uma demanda de ingresso na Escola, as pessoas vêm ao ICdeBA com a expectativa de formação profissional, de obter ferramentas para se iniciar na carreira. O que fazer com isso? São reflexões internas ao ICdeBA. Mas me parece que a questão se torna muito mais interessante se o problema desliza ao que deve ensinar a Escola. Qual é o tipo de ensino que a Escola deve assegurar? A Escola tem dois tipos de ensino: um ensino a título pessoal, cada um pode solicitar uma sala e ensinar o que quiser desde que seja aprovado pela diretoria. Mas há uma parte que é da Escola, e de que maneira a Escola leva adiante um ensino que não se sobreponha com o ensino universitário, nem com o ensino do ICdeBA, que tem seu estilo próprio e que é sistemático, é gradual, responde ao discurso universitário, outorga diplomas e certificados. O ensino na Escola não é sistemático, não é gradual, não deveria responder ao discurso universitário, não outorga diplomas nem certificados. Quer dizer que aí nos resta um espaço sem definir, cuja definição ou cuja pragmática, se não queremos ser demasiado nominalistas, haveria de se elaborar conjuntamente, tarefa do Conselho e Diretoria das Escolas, quer dizer, o que é que uma Escola de psicanálise deve ensinar?

Por exemplo, em 2017, a ECF toma a decisão de reunir em um mesmo caderno o que se chamou de Guia dos Ensinos Lacanianos em Paris, e nesse Guia, Miller reúne todos os ensinos, como as flechas de trânsito das estradas que conduzem a distintas localidades. O Guia da ECF conduz à ECF, à ACF *Île de France*, à Seção Clínica, a outra conduz ao CTPC de Paris, outra, à *L'envers* de Paris, e outra ao Departamento de Psicanálise da Paris VIII. Reúne em um caderno todos os ensinos e a ideia é: jovem, se quiser se formar em psicanálise, em Paris, podes seguir qualquer desses endereços, de acordo com teu desejo. O notável do caderninho é que inclui a Escola dentro. Não sugiro que esse seja um modelo a seguir, mas é para dar conta das soluções que se tentam obter para o problema crucial daquilo que a psicanálise ensina e como ensiná-lo, e como inserir os ensinos da Escola nesse conjunto.

Penso e lhes passo a palavra agora, que a situação da EOL é diferente. Os alunos que saem da universidade vão às distintas associações que formam em psicanálise dentro da cidade de Buenos Aires. Entre eles, muitos vão ao ICdeBA. Alguns dos que vão ao ICdeBA, depois querem uma formação universitária para seguir e se formam no mestrado. Alguns do interior vêm e, enfim, esses caminhos estão muito percorridos. Qual é o ensino que cabe à Escola para que não se confunda com o ensino da universidade ou do ICdeBA? Isso me parece que é uma tarefa que nos compete e que, é claro, não tenho nenhuma resposta. Essa é uma resposta para se elaborar coletivamente e a Diretoria e o Conselho tomarem a sério em suas mãos, já que eles que têm que refletir sobre isso. Pensem, por exemplo, que a definição mesma de AME depende do título do ensino que a Escola dispensa. Evidentemente, não se trata de um ensino curricular nem

de um *cursus* a seguir. As *Noites de Escola* deveriam transmitir a orientação que a Escola considera que deve ser ensinada em função dos fins propriamente analíticos da Escola, que não são os fins da formação para-universitária do ICdeBA, ou os fins da formação universitária do mestrado.

Creio que é esse o ponto que, para mim, pessoalmente, interessa-me da relação Instituto-Escola para devolver à Escola, hoje, o propriamente analítico, para que a Escola se apresente propriamente analítica.

Bem, é isso o que queria lhes transmitir e, se não me engano, temos três quartos de hora para escutar, opinar, discutir, objetar, etc.

Obrigada!

Tradução: Paula Nocquet

Referências

LACAN, J. Talvez em Vincennes... In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 316-318.

_____. Nota Italiana. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 311-315.

_____. Abertura da Seção Clínica, *Opção Lacaniana*, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo: Eólia, 2001, v. 30, p. 9.

MILLER, J.-A. *Prólogo de Guitrancourt*. 1988. Disponível em: <<https://www.redicf.net/prologo-deguitrancourt/>>. Acesso em: 24 jan.2020.

_____. Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola. *Opção Lacaniana online nova série*, ano 7, n. 21, nov. 2016, p.12. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_21/Teoria_de_Turim.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2020.

_____. *Acier l'ouvert*. Disponível em: <http://www.valas.fr/IMG/pdf/miller_1_acier_1_ouvert.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2020.

O ENSINO DA PSICANÁLISE NO INSTITUTO E NA ESCOLA¹⁵

LAURECI NUNES¹⁶
laurecinunes@gmail.com

Lembro a pergunta formulada por Jacques-Alain Miller no congresso do Rio de Janeiro em 2016: onde está o ensino na EBP? Essa questão segue dando voltas e talvez seja um dos motivos para estar presente nesta convocatória do Conselho Ampliado da Seção Santa Catarina.

O ensino da EBP se dá nos Institutos. Essa resposta, que parecia simples e clara num primeiro momento, logo se tornou problemática e, em seguida, frutífera: ela reverberou dentro da Escola, de modo que o conselho da EBP fez dela causa de trabalho, estendendo-a aos Conselhos das Seções. A partir daí, nas mais diversas frentes, temos trabalhado não só o questionamento sobre o que é possível ensinar de uma clínica que se assenta sobre um real particular, como também sobre o que se pode esperar (e oferecer) de uma Escola de psicanálise diante desse impossível a transmitir. Uma das consequências dessa provocação, a meu ver, tem sido o esclarecimento e a vivificação da transmissão dos AMEs, além, é claro, do incremento do que já estava em curso através dos testemunhos de passe.

O Instituto como agulhão da Escola — o espeto que incomoda¹⁷

O tema proposto para debate procura localizar qual ensino é próprio da Escola e qual diz respeito ao Instituto, delimitando as convergências e as diferenças.

Vou retomar alguns elementos de nossa história que repercutiram na fundação do Instituto Clínico de Psicanálise de Orientação Lacaniana de Santa Catarina, há um ano. Ou melhor, tentarei localizar alguns fatores que contribuíram para a separação, em duas instituições, das atividades de ensino ligadas à psicanálise de mesma orientação e do mesmo Campo, o Freudiano.

Vale lembrar que a fundação da Seção Santa Catarina, em 2006, coincidiu (se tornou possível) com a nomeação dos três primeiros membros de Escola neste estado. Na época, cada um recebeu do Conselho da Escola uma incumbência específica: dirigir a Seção, fundar uma clínica de atendimento e um instituto de psicanálise. Os encami-

¹⁵ Texto apresentado na conversação “O ensino na Escola e no Instituto” realizada em Florianópolis em 14 dez. 2019, convocada pelo Conselho Ampliado da Seção Santa Catarina.

¹⁶ Analista praticante, membro EBP/AMP, Diretora-geral do ICPOL-SC.

¹⁷ “O espeto que incomoda, empurra a Escola para fazê-la andar”, tradução ao termo agulhão proposta por Luís Francisco Espíndola Camargo, membro EBP/AMP.

nhamentos referentes à clínica e ao instituto produziram surpresa. Hoje, considero que essas incumbências foram fruto de uma interpretação da Escola, que leu aquilo que estava em curso em Santa Catarina desde 2000: manifestávamos nosso desejo de Escola na demanda de “inclusão” como Delegação Estadual — éramos Delegação Geral —, expressávamos interesse pela casuística na atividade que chamávamos de *conversação clínica* e, além disso, mantínhamos um curso regular e sistemático de psicanálise que atraía não só novos praticantes como também universitários¹⁸.

Passaram doze anos até a fundação do Instituto. As idas e vindas foram motivadas por dificuldades internas e externas. As internas estavam relacionadas tanto ao pequeno número de membros para responder às funções em duas instituições quanto ao não convencimento de alguns membros sobre a importância dessa fundação. A dificuldade externa dizia respeito à informação de que o Instituto só poderia ser fundado a partir de um ato do presidente do Campo Freudiano.

Quando, em 2018, decidiu-se pela fundação, bastou dar andamento aos trabalhos e implementar algumas políticas e orientações (presentes no regimento interno). Isso não impediu que, paulatinamente, introduzíssemos inovações, porque as principais frentes de trabalho de Instituto estavam consolidadas: já havia curso sistemático e gradual, vertentes de pesquisas, núcleos de investigação e ateliês de leitura, bem como atividades de conversação clínica — as quais têm sido incentivadas, sobretudo no momento da vinda de convidados da AMP.

Tal como leio, um percurso construído desde seu início com essas duas caras — Escola e Instituto — diz respeito, por um lado, ao desejo e à necessidade de nossa formação, dos membros, na transferência com a Escola e com a AMP e, por outro, diz respeito à decisão política de introduzir e manter a psicanálise de orientação lacaniana em nosso estado através da transmissão aos novos. Além disso, sempre foi imprescindível a oferta de uma atividade cuja renda pudesse contribuir significativamente para o custeio da instalação e do funcionamento da instituição, que só foi possível com a face instituto inserida dentro da própria Escola, de modo que as atividades propostas poderiam ser cobradas.

Se até aqui foi possível mostrar como o ICPOL-SC também não veio de um repolho¹⁹, ainda resta dar um passo a mais para fundamentar a importância de fundá-lo.

Para além da incumbência/interpretação da Escola, considero que a Seção Santa Catarina, enquanto Seção de Escola no sentido forte do termo, estava falsamente preenchida. Contávamos com uma vasta agenda de atividades semanais que mantinha os membros, com sua dedicação, envolvidos em muitos trabalhos. A face

¹⁸ Santa Catarina tem uma rara vocação, porque sua história está marcada pela transmissão da psicanálise em cursos aos moldes de Instituto, cf. palavras de Romildo do Rêgo Barros em 07 dez. 2019, no Ato de Fundação do ICPOL-SC.

¹⁹ Alusão ao subtítulo do texto de Graciela Brodsky “A Escola e suas vizinhanças. O Instituto” publicado neste volume, na página 10.

Escola, no entanto, o ensino na Escola que compete aos membros, não se expandiu expressivamente. É certo que nossa formação como analistas praticantes esteve bem contemplada. Seguimos os cursos de Miller e os apresentávamos — com debates — na atividade *Orientação Lacaniana*. Até recentemente, mantivemos os estudos dos textos dos testemunhos de Passe e várias vezes convidamos os AEs para darem seus testemunhos. O cartel também sempre foi um dispositivo presente, nem sempre muito agalmatizado, como é normal nas Escolas. Mesmo assim, um dos aspectos do ensino próprio da Escola que considero ter ficado para trás recai sobre a transmissão de nossa pesquisa própria, sobre os seminários por conta e risco dos membros da Seção. Eles raramente aconteceram.

Há outro aspecto que me parece importante: trata-se de um reposicionamento dos membros em eventos com a presença de colegas convidados; nesses momentos considero interessante termos uma participação mais ativa no desenvolvimento de temas que, a meu ver, deixamos inteiramente sob a responsabilidade dos convidados.

Então, retomando, sempre realizamos atividades ligadas diretamente ao que é próprio de Escola, mas o ensino, a transmissão de nós membros e a discussão sobre nossos dispositivos, sobre a política da psicanálise, aquilo que se liga ao $S(\mathbb{A})$ merece ser alavancado. Nesse ponto, a participação do Conselho Deliberativo, como provocador e orientador, é fundamental. Até aqui não trabalhamos pouco. Parece, no entanto, que ficamos mais especialistas na transmissão do ensino sistemático e gradual próprio ao Instituto. A aposta é de que o estabelecimento da borda que separa os dois campos²⁰, com dois tipos de ensino, por um lado, nos ajudará, como membros, a construir um saber sobre essa diferença — algo que não é tão simples assim²¹ — e, por outro, nos dará melhores condições para transmitir algo sobre a diferença entre formação do psicanalista e formação em psicanálise — que se inscreve no âmbito do para todos e, assim, aproxima-se do saber universitário. O que faz borda é a própria nomeação (pela fundação), criando dois campos ao separá-los.

Agora, destaco as convergências ou aquilo que permite diferenciar sem se separar:

- Desde o início, todos os passos para a fundação do Instituto foram discutidos com o conselho e com a diretoria da EBP.

²⁰ Tal leitura é corroborada pela sugestão de Rômulo Ferreira da Silva, em 2013, ao Conselho da Seção Santa Catarina de separar as atividades da agenda anual em dois campos, demarcando explicitamente as atividades de escola e as atividades de instituto. Isso exigiu que soubéssemos bem diferenciá-las.

²¹ Um fato curioso em Santa Catarina é que a atividade Conversação Clínica que em 2006 fez a Escola ler como ligada à psicanálise aplicada, face instituto, está mantida tanto no Instituto como na Seção, tendo, nessa última, um espaço importante, de trabalho vigoroso nas atividades que anualmente antecedem a jornada da Seção — atividade não presente em nenhuma outra jornada de Seção da EBP, ainda que saibamos que o Instituto é lugar próprio para acolher a casuística, sendo que ela faz parte da própria história da fundação dos Institutos do Campo Freudiano, herança do Círculo de Clínica Psicanalítica iniciado por JAM em 1973. Cf. o texto de Graciela Brodsky publicado neste volume, na página 10

- Todos os associados do Instituto são membros da EBP. Isso, bem como a explicitação da orientação lacanianiana nos estatutos (único ponto que a AG não pode alterar), visa salvaguardar a vinculação do ICPOL-SC com a orientação lacanianiana.
- O convite ao professor convidado do ICPOL-SC leva em conta a possibilidade de transmissão das marcas do atravessamento pela causa analítica. Ao Instituto não interessam nem os títulos nem o saber universitário em si. Consideramos que a potência da transmissão viva da psicanálise vai além do saber textual pautado na repetição do mesmo. Trata-se, antes, de algo que advém da experiência da análise pessoal e da prática clínica. Assim, os professores convidados devem se sustentar na sua condição de analisante da experiência psicanalítica.
- Ambas as instituições trabalham pela difusão da psicanálise de orientação lacanianiana do campo freudiano.
- Pela relação de vizinhança²², dividimos endereço e despesas — prova em ato, sem necessidade de demonstração, de que dividimos um mesmo destino, cf. Graciela Brodsky ao lembrar que Jacques-Alain Miller nunca aceitou que Escola e Instituto estivessem em endereços distintos.

Para concluir

Diante da proliferação de associações psicanalíticas interessadas na psicanálise aplicada e na transmissão de saber orientados pela via universitária, Miller, como responsável pela fundação dos institutos do Campo Freudiano, tomou posição²³ no “Prólogo de Guitrancourt”, esclarecendo que o ensino no instituto é universitário, sistemático, gradual, sancionado por diplomas. No entanto, ele não habilita ao exercício da psicanálise. Mesmo assim, ele deve ser dispensado por responsáveis qualificados e deve estar apoiado pelo trabalho das seções clínicas — assim, as apresentações clínicas também têm seu lugar aí.

Nesse sentido, considero que o que está encaminhado até aqui em relação ao ensino oferecido em nosso Instituto tem as balizas claras e o trabalho está sedimentado, ainda que se façam necessárias reavaliações e eventuais mudanças de curso, pois sabemos que há um vasto caminho a percorrer.

A meu ver, o desafio maior está em relação ao ensino na escola. Temos um espaço de trabalho e um clareamento maior a ser feito, um interessante desafio que cabe a todos nós e que será oportuno construir na transferência de trabalho juntamente com os colegas do Paraná.

²² Cf. texto de Graciela Brodsky publicado neste volume, na página 10.

²³ Ibid.

VARIDADE

Referências

BRODKY, G. A Escola e suas vizinhanças. O Instituto. *Varidade — Revista do Instituto Clínico de Psicanálise de Orientação Lacaniana de Santa Catarina*, v. 1, n. 1, mar. 2020. Florianópolis: Instituto Clínico de Psicanálise de Orientação Lacaniana de Santa Catarina, 2020, p. 10-20.

ABERTURA²⁴

MARIA TERESA WENDHAUSEN²⁵
mariatwend@gmail.com

Quero iniciar agradecendo a presença do Diretor da EBP, Luiz Fernando Carrijo da Cunha, e de Romildo do Rêgo Barros, nosso consultor para assuntos do Instituto. Ambos tiveram uma importante participação na fundação, que hoje se faz possível, de um Instituto em Santa Catarina. Também gostaria de agradecer a presença de todos vocês que vieram prestigiar conosco este momento histórico.

Há 18 anos, temos em funcionamento um curso de psicanálise em nossa comunidade. Ao longo desses anos, três deles me ocupei da coordenação desse curso, de 2015 a 2017. Esse momento coincidiu também com a formação de uma Comissão Instituto da EBP — Seção SC, da qual fiz parte, que foi preparatória para uma conversa sobre o Instituto no Conselho na EBP — Seção SC, juntamente com Luiz Fernando Carrijo da Cunha. Nesse período, então, dediquei-me mais especialmente a pensar as relações entre a Escola e o Instituto. De tudo que aí pude refletir, um ponto sempre se destacou para mim, que é a relação entre o saber que reina na Escola e aquele que é próprio ao Instituto.

Miller, em seu texto “Tese sobre os Institutos”, vai dizer que nosso ponto de partida é o seguinte: o Instituto não é a Escola. Coloca ainda que o inventou a fim de prosseguir com a via que é a de Lacan, e segue nos dizendo que o instituto é necessário porque o discurso analítico tende invencivelmente a se autodestruir. O saber suposto, que sustenta a psicanálise, também a corrói. Por isso, é necessário um lugar a partir do qual o saber exposto, aquele que é característico do instituto, venha lhe fazer barra. Ali se verifica por excelência a transferência de trabalho.

Minha questão, nesse ponto, é justamente a de um permanente esclarecimento de que, apesar de o saber exposto predominar no Instituto, nem por isso ele deixa de guardar relação com o discurso analítico. Esse é, a meu ver, o grande desafio que sempre esteve presente para nós nesses dezoito anos de funcionamento do Curso de Psicanálise na Seção Santa Catarina, que sempre buscamos afinar e que sintetizo na seguinte pergunta: como constituir um ensino de psicanálise que contemple o furo no saber incluído no real, relação com o saber próprio à psicanálise? Para a psicanálise, não há saber no real.

É com essa questão em mente que entro nessa nova experiência, feliz por ter feito essa aposta juntamente com os colegas da EBP — Seção SC. Espero podermos

²⁴ Comunicação realizada em 07 dez. 2018, por ocasião da Fundação do ICPOL-SC.

²⁵ Analista praticante, membro EBP/AMP, Diretora de Núcleos de Pesquisa e Clínica do ICPOL-SC.

VARIDADE

estar, enquanto Instituto Clínico de Psicanálise de Orientação Lacaniana, à altura de manter aberta essa fenda no saber tão própria à psicanálise de Orientação Lacaniana. Sejam todos muito bem-vindos!

Referências

MILLER, J.-A. Tese sobre os Institutos. In: ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE. Catálogo de membros da EBP e textos estatutários 2016. São Paulo: [s.n.], 2016. Disponível em: <https://www.ebp.org.br/wp-content/uploads/2016/05/Cata%cc%81logo-de-membros-EBP-2016_DIGITAL-nova-capa.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2018.

ENSINO NO INSTITUTO²⁶OSCAR REYMONDO²⁷

oscar3reymundo@gmail.com

“Nenhuma outra orientação da psicanálise colocou tanto o acento no ensino como a orientação lacaniana”.

LAURENT, É. *O impossível de ensinar*.

Agradeço esta oportunidade, que espero aproveitar da melhor maneira para colocar algumas ideias que estou elaborando acerca do ensino no Instituto, uma vez que me sinto convocado a refletir sobre essa questão na atual condição de Diretor de Ensino.

Para começar, tomando como ponto de partida as profissões impossíveis freudianas (educar, governar e psicanalisar) e a partir de um texto de Éric Laurent, “O impossível de ensinar”, publicado em “Del Edipo a la sexuación”, no capítulo sobre “O Ensino da Psicanálise”, entendo que há para a psicanálise um impossível de ensinar que nos assinala a necessidade de, a cada vez, incluir o limite do ensino para cada um que ensina, isto é, incluir o vazio inevitável, com o qual cada um que ensina se depara, para que um novo saber possa se organizar. Em outras palavras, o ensino implica inclusão do furo do não-sabido, para que um saber possa vir a organizar-se e, desse modo, vencer o tédio que pode vir a se apresentar na repetição do já sabido. Contudo, sabemos que uma boa parte do ensino se apoia na repetição, isto é, na repetição do que os que nos antecederam produziram, nos transmitiram e cada um que ensina conseguiu extrair. Podemos entender isso, então, como que parte do ensino se apoia nos significantes mestres que nos foram transmitidos e aceitamos acolher? Se a resposta a essa questão for afirmativa, no ensino não se trataria, então, de ter que responder a um ideal de criatividade e originalidade a partir do nada. Contamos, cada um que ensina, com aqueles significantes amos que nos permitem manter alguma distância da radical solidão própria da relação de cada um com a causa do seu desejo de ensinar. Talvez, seria melhor dizer que aqueles significantes mestres que nos foram transmitidos nos permitem poder fazer algo singular, e com outros, com a radical solidão de cada um com o que causa seu desejo, isto é: o pequeno *a*.

Vejamos, então, que incluir o vazio em torno do qual um saber pode se organizar, constitui um princípio da nossa orientação para o real. De um lado, esse princípio da orientação é o que direciona a Escola de Lacan que se organiza em torno do vazio do não-sabido acerca do que é o psicanalista. É, a cada vez, que esse vazio de saber deve ser incluído para que um sujeito, um por um, possa vir a organizar

²⁶ Comunicação realizada em 07 de dezembro de 2018, por ocasião da Fundação do ICPOL-SC.

²⁷ Analista praticante, membro EBP/AMP, Diretor de Ensino do ICPOL-SC.

e transmitir como é que ele se tornou um analista. De outro lado, esse princípio da orientação para o real nos assinala que nenhum saber é para sempre. Digamos, nesse sentido, que todo saber é um acreditar saber.

Temos, então, que incluir o vazio em torno do qual um saber pode se articular não quer dizer que deva se articular ou que vai se articular, mas que pode se articular, quer dizer, que aqui estamos no campo da incerteza, da falta de garantia, da surpresa, no campo da contingência que é o campo no qual algo que não se escrevia deixou de não se escrever e, então, aconteceu o encontro inesperado com uma articulação significativa singular, isto é, com a produção de um saber singular. Certamente aconteceu com vocês, colegas que dão aulas no Curso de Psicanálise de Orientação Lacaniana, que falando para os estudantes do Curso do já sabido, de repente se escutam dizendo algo que surpreende vocês mesmos pelo inesperado do encontro com essa nova articulação que emerge e que até esse momento vocês não sabiam que sabiam. Vejamos, então, que é preciso saber ter um pé na herança para sustentar a singularidade de um encontro contingencial no campo do saber, um encontro que nos permita pensar no que ainda não tínhamos pensado. Saber ter um pé na herança. Como podemos entender esse saber? Vou ler uma ideia de Miller extraída do comentário ao livro de Juan Carlos Indart, “El peso de los ideales”: “temos de fugir do já sabido”. Isso não quer dizer que tenhamos de ignorar ou renegar o já sabido, tem de haver uma transmissão da disciplina necessária ao saber o analista, mas na conversação que podemos estabelecer com os estudantes durante uma aula, fugir do já sabido implica, por exemplo, não fazer da aula uma exibição de erudição. Em outras palavras, poder transmitir o modo de se ler o inconsciente, quer dizer, poder transmitir um modo de se fazer com esse estranho que nos parasita que é a língua. Transmitir não como significações já estabelecidas, mas como uma transmissão do que a psicanálise ensinou sobre o inconsciente ao sujeito que ensina. Como podemos supor, isso nada tem a ver com as didáticas tradicionais.

Eu disse há pouco que expondo numa aula o já sabido, um saber novo pode se articular. Poderíamos dizer, seguindo Miller no texto “O rouxinol de Lacan”, que uma aula também pode agitar-se ao redor do inconsciente na medida em que falando sobre um determinado tema, algo de associação livre entra no jogo e o sujeito que ensina se enreda e fala para desenredar-se do que tenta ensinar e, nesse movimento, algo novo, não planejado, que não está no programa, pode surgir. Às vezes, no ensino surge algo que é da ordem de uma reinvenção singular do que se quer ensinar, reinvenção que de algum modo assinala que ensinar é entrar numa luta, numa dimensão que quem ensina nunca domina, uma vez que o objeto que nos ocupa tem sua consistência e resistência próprias. Penso que é esse fracasso do domínio o que Freud e Lacan nos transmitiram e que, no caso do ensino de Lacan, Miller nomeou de “Lacan contra Lacan”, no sentido de que Lacan não se deteve no seu ensino, avançou, e mudou e quiçá ele nunca tenha dito um “é isso” definitivo e, dessa forma, nos mostrou que não há domínio do real

porque o real não se deixa dominar. O melhor exemplo que eu posso encontrar desse impossível de dominar é a historicidade das classificações, das nossas classificações: neurose, perversão, psicose. Miller diz que nossas classificações são semblantes, quer dizer, que elas têm um caráter artificioso que não se fundamentam nem na natureza, nem na estrutura, nem no real. Elas se fundamentam na verdade que varia, a *varité*, como disse Lacan, que é um neologismo para dizer ‘verdade’ e ‘variedade’. Nossas classificações produzem efeitos de verdade, verdade que assinala um lugar, uma época, um projeto particular, e cujo fundamento não é o fundamento no real. Em outras palavras, as estruturas clínicas, assim como qualquer outro termo psicanalítico, têm seu fundamento na prática linguística na paróquia, quer dizer, na que estamos implicados na conversação entre os praticantes da psicanálise. Se nossas classes de seres falantes fossem espécies naturais não teríamos porque falar nelas, nem teríamos porque apresentar *papers* e falar pelos cotovelos em encontros, congressos, colóquios, jornadas... Vejam quantas oportunidades inventamos para podermos conversar e produzir artificios, semblantes que, em algum momento, nos propomos ensinar... Nos propomos ensinar levando em consideração algo de um imperdoável que também está em jogo no ensino da psicanálise, uma vez que é imperdoável manobrar com algo que não dominamos, com um real que escapa o tempo todo. Imperdoável no sentido de que não há como não se tornar responsável pelo que se ensina quando não há *standard* com relação ao ensino.

Só para colocar um exemplo ligado ao nosso CPOL: em agosto, Cinthia, Maria Teresa e eu, começaremos com as aulas do Módulo “Estruturas Clínicas” e aí vai se tornar necessário falarmos algo sobre a história dessas classes, uma vez que nem sempre significaram a mesma coisa porque já responderam a outras variáveis culturais e outras manifestações subjetivas de época. Assim, neste caso específico do Módulo “Estruturas Clínicas”, podemos dizer que as classificações diagnósticas não devem nada à Natureza, que correspondem a convenções e, talvez, o que diferencia nossa época de épocas passadas é que, hoje, nós já sabemos disso.

VARIDADE

Ensino e pesquisa

COMENTÁRIOS NO COLÓQUIO DE ATELIÊS²⁸

SILVIA SALMAN²⁹
silviasalman.ss@gmail.com

O Instituto Clínico de Buenos Aires é uma instituição dedicada ao ensino e pesquisa em psicanálise dentro do marco da orientação lacaniana. Criado no dia 4 de agosto de 1998 por decisão de Jacques-Alain Miller (Diretor do Instituto do Campo Freudiano — Paris) integra uma rede internacional com a que mantém fluidos laços de trabalho e intercâmbio a fim de cumprir com suas finalidades.³⁰

Assim se apresenta o Instituto em Buenos Aires: ensino e pesquisa, no marco da orientação lacaniana, e uma rede internacional que compartilhamos.

Efetivamente, hoje, estou aqui com vocês e agradeço o convite para compartilhar e manter os laços de trabalho e intercâmbio sobre a experiência de levar adiante — direi assim — um aspecto da formação dos psicanalistas no Instituto.

O Instituto não é a Escola

Formulo essa diferença como um aspecto da formação, porque a formação que dispensa o Instituto se distingue da formação analítica que dispensa a Escola. Há uma vizinhança, sem dúvida, entre o Instituto e a Escola que precisa ser explorada. E não é a única. Também há uma vizinhança do Instituto com a Universidade que temos que ver que forma tomará em Santa Catarina.

A formação na Escola está apoiada sobre o tripé clínico, epistêmico e político (alguns dos Ateliês se referiram a esse tripé). Na Escola, esse tripé funda suas raízes no que Lacan denominou órgãos de base da Escola: o passe e o cartel. Tem que se dizer que nem o Passe nem o Cartel fazem parte do Instituto. Como tampouco a Garantia e a Admissão, que são outros dispositivos próprios da Escola.

Um dos modos de se agrupar no Instituto é o Ateliê. Há outras maneiras no Instituto de Santa Catarina? Em Buenos Aires, existem os Ateneus de Investigação,

²⁸ Texto apresentado no Colóquio de Ateliês realizado no ICPOL-SC em 09 nov. 2019.

²⁹ Analista Membro da Escola, membro EOL/AMP.

³⁰ INSTITUTO CLÍNICO DE BUENOS AIRES. *O que é o Instituto Clínico de Buenos Aires?* Disponível em: <<http://www.icdeba.org.ar/template.php?file=el-instituto/presentacion.html>>. Acesso em: 09 nov. 2019.

que acredito que sejam equivalentes aos Ateliês. Também existem os Departamentos e as Redes que compartilham o trabalho sobre temas específicos no Campo Freudiano, como toxicomania, CEREDA e outras.

Bem, o que quero destacar é que não é a mesma coisa formar-se no Instituto e formar-se na Escola, como tampouco é o mesmo formar-se na Universidade. É preciso pensar como se dão as modalidades de ensino em cada caso. E um não impede a formação no outro. Mas é necessário saber sobre essas diferenças, o lugar em que cada um se encontra e que alcance tem a decisão de se formar em cada um deles. O analista praticante (AP) está na Escola, certamente também o AME e o AE, que são os títulos que a Escola outorga. No Instituto está o “participante” e, digamos, “estudante” é o nome que se reserva para a Universidade.

Detenhamo-nos no termo “participante” que Jacques-Alain Miller adotou para designar aqueles que se dirigem ao Instituto para demandar formação. “Participar” da formação que se recebe implica considerar a iniciativa que parte de cada um, colocando em relevo o ativo que se requer para advir um psicanalista em formação. Participar é também se fazer responsável do produto singular que surge do ensino recebido nos diferentes âmbitos pelos quais se atravessa.

Em minha experiência como ensinante (ou docente), tive a oportunidade de ensinar em três espaços diferentes do ICdeBA, o que define três modos diferentes de participação: Casuística, Seminário de Leitura e, atualmente, Curso Propedêutico. São três modalidades diferentes de ensino e, por isso, requerem modos distintos de contribuição dos participantes.

Na Casuística, os participantes devem aportar sua própria prática. Por sua vez, o dispositivo do Seminário de Leitura requer uma leitura ativa e metódica de algum dos escritos de Lacan propostos ao trabalho. O Curso Propedêutico enseja uma participação mais ampla. Na maioria das vezes, toma a forma de perguntas, mas também de intervenções que se referem à própria prática que se interroga ali.

De todas as formas, os participantes cursam ao mesmo tempo diferentes modalidades, o que faz com que cada um passe pela experiência de cada espaço proposto. Mas há de se saber que o Instituto espera deles iniciativa.

Ensino e Pesquisa

Para o trabalho de hoje, tomarei como marco uma distinção que nos propôs Jacques-Alain Miller no dia 03 de novembro de 1998, quando proferiu a conferência inaugural do então chamado ICBA, e que está publicada sob o título “O rouxinol de Lacan”, no livro “Del Edipo a la sexuación”³¹, da Coleção do ICBA. Ali, nos apresenta que o ensino, em geral, e o da psicanálise, em particular, transcorre entre a repetição e a invenção.

³¹ MILLER, J.-A. *et al. Del Edipo a la sexuación*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

Quando ensinamos, há uma parte desse ensino em que repetimos o já dito, o já escrito, o já publicado, tudo o que foi acumulado por aqueles que vieram antes de nós: Freud, Lacan, Miller mesmo e muitos outros colegas da AMP e de outros campos. Hoje, com a internet, temos ainda um alcance ilimitado a tudo o que se produziu no campo da psicanálise e de outros saberes que nos importam. Por essa via, trata-se de se estar informado e de poder contar com as referências e a erudição que está ao nosso alcance.

Mas nenhum ensino se sustenta somente na repetição. Se isso ocorrer, nada mais é que transmissão de letra morta. Há outra vertente, a que aporta o vivo de qualquer ensino e que está do lado do novo, da descoberta, da invenção que pode surgir no campo da investigação. Investigar é buscar, explorar, perguntar e, também, rastrear. Investigar obedece a outro regime que o da repetição. Quando investigamos, nos abrimos à dimensão do contingente, do inesperado, do impossível de calcular. Aí, estamos na dimensão do encontro. Os Ateliês, cada um a sua maneira, dão conta do que foi esse encontro para cada um.

Se a repetição implica o aspecto sistemático da formação (muitos participantes decidem começar sua formação sob este sintagma, “formação sistemática”), a invenção que surge das mãos da pesquisa dá lugar ao assistemático. O assistemático é aquilo que denota o singular, tanto no que diz respeito ao desejo que mobiliza essa pesquisa para cada um, como da descoberta única e irrepitível que o trabalho coletivo produziu. E aqui o trabalho coletivo não faz mais que somar as singularidades que nunca constituem um todo. Em todo caso, cada Ateliê poderá nos contar sua experiência sobre este ponto.

Então, é sobre o fundo do a-sistemático que proponho conversar sobre os textos que se produziram em cada um dos Ateliês. Está aí a repetição? Sim, mas também está o novo. Ao menos no que em cada texto ressoou de novidade para mim. E me refiro com intenção ao termo ressoar, já que se trata de dar lugar à invenção. Isso transmite a lógica, mas também afeto. Saber e satisfação.

Proponho, então, compartilhar essas ressonâncias.

A direção do tratamento e os princípios de seu poder

O primeiro aspecto que se destaca na leitura do trabalho desse Ateliê³² — o novo sobre o fundo da repetição, ao menos para mim — é que o analisante não é produto de um analista. Se ele é produto de algo, é produto de sua própria análise, da qual o analista certamente faz parte. Que destino estará reservado ao analista em cada análise que conduz? É a pergunta que faço cada vez que recebo alguém, já que, como colocava ontem³³, na direção do tratamento, “não há apenas o que, no caso, o

³² Texto intitulado “Algumas considerações em torno do escrito de Jacques Lacan A direção do tratamento e os princípios de seu poder”, escrito por Diego Cervelin, Fernanda Turbat, Márcia Sampaio Goulart, Márcio Jibrin.

³³ A autora se refere à sua conferência proferida na sede da EBP-Seção Santa Catarina, intitulada *O sonho e o inconsciente lacaniano*, em 08 nov. 2019.

analista entende fazer de seu paciente. Há também o que o analista entende que seu paciente faça dele”³⁴. Isso nos orienta.

“O analista é o que segue o que o analisante tem para dizer, a saber, o que sabe”³⁵. Assim nos apresenta Lacan no *Seminário 24*, “Um equívoco...”, a posição que convém ao psicanalista. Quem sabe na análise é o analisante, o analista o segue. No seminário seguinte, “O momento de concluir”, dirá que a operação que conviria ao analista é “que possa se dar conta da pendente das palavras para seu analisante”³⁶. O analista segue a pendente das palavras do analisante. Como vocês dizem, deixa-o livre no uso das palavras e esse é seu modo de segui-lo. Nenhum modelo, nenhum molde.

Essa fórmula nos dá a chave de leitura desse conjunto de textos: o analista segue, o analisante sabe. Gostaria de destacar um ponto para debater sobre o que propõem a respeito da subtração ou da adição do analista na direção do tratamento. Que deve se subtrair não há dúvida. Mas do quê? — se perguntam. Qual é a substância dessa renúncia? A falta em ser é um nome dessa posição de renúncia. Mais adiante também dirão que o analista terá que se abster de sua fantasia fundamental, e sobre o sintoma há um debate aberto no Campo Freudiano..

No texto que estão estudando, Lacan indica o que o analista paga com seu ser (R), com suas palavras (S) e com sua pessoa (I). Diferentes modos de se anular como sujeito. Mas por acaso não há uma adição além da renúncia? Penso que há algo que o psicanalista agrega e isso desde o início do tratamento. É algo da dimensão de um vazio, de um furo, de um “Não” fundamental que se encontra no horizonte de toda análise. É como a interpretação analítica que inclui, nela mesma, o silêncio.

Interessou-me a menção aos atributos fálicos do analista que podem servir como meio para que se configure a transferência, mas de maneira alguma são eles os que garantem o tratamento (resistência do analista). Recordei de um caso de minha própria prática, em que o apego transferencial se apresentou em termos de saber. O analisante fez uma menção a uma frase num texto de minha autoria que me levou a responder que essa frase é de JAM no curso tal. Houve outra menção a uma expressão em um outro texto também de minha autoria que me levou a dizer, dessa vez, que essa expressão é de Lacan no *Seminário* tal. Essas intervenções que não tiveram nenhum cálculo prévio, salvo o de aceitar a indicação de Lacan, “sejam mais soltos quando recebem alguém”, provocaram certo desconcerto no analisante, mas também em mim.

De onde vem esse impulso de desmentir minha própria autoria? Descompletar o saber no Outro? Sim. Demover a consistência do Outro? Também. Porém, fundamentalmente, de se injetar um lugar de vazio na escritura. A dificuldade para

³⁴ LACAN, J. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 151.

³⁵ LACAN, J. *O Seminário, livro 24: L'insu que sait de l'ubewuste*, aula de 10 maio 1977, inédito.

³⁶ LACAN, J. *O Seminário, livro 25: o momento de concluir*, aula de 15 nov. 1977, inédito.

esse analisante de pôr voz a suas ideias torna-se uma inibição para escrevê-las. Desse modo, a escritura do analista fica entrelaçada em sua inibição, fazendo consistir no analisante um saber que não lhe pertence e uma voz que o emudece.

Finalmente, os três significantes relevantes do escrito: direção, cura e poder. O equívoco que cai sobre cada um deles enriquece a leitura. Por um lado, a direção é tanto do tratamento como de quem o dirige (pelos princípios e não pela técnica). Por isso vocês ressaltam a formação do analista que se encontra latente na fórmula. Por outro lado, a escolha por parte de Lacan do termo *cure*, e não *guérison*, resalta a noção e o alcance do trajeto, o tempo que é necessário para fazer a experiência de análise. E também a noção de “parceria”, “com”. Por último, o poder que está na dissimetria e que finalmente é o poder da palavra, e o equívoco que aponta sempre faz surgir o mais singular de cada um.

Há várias chaves de leitura aqui para abordar os outros trabalhos produzidos pelos Ateliês. Continuemos com o Ateliê de Leitura dos Textos Freudianos.

*Textos Freudianos*³⁷

Entre repetição e invenção, também a escolha de qual texto freudiano se trabalhará corresponde, sem dúvida, a algo da ordem do novo. De fato, a escolha de *A interpretação dos sonhos* (com a qual Freud estabelece o método psicanalítico) é novidade a respeito dos textos mais culturais de Freud (escolhidos para dirigir-se aos participantes universitários). Há ali algo para debater. Por que esses textos seriam mais “universitários”? Isso quer dizer que são menos analíticos? Ou que os participantes universitários seriam menos sensíveis ao analítico? Há, sem dúvida, um debate sobre como nos dirigimos desde a psicanálise a outros discursos, de que maneira falamos fora de nossa paróquia.

Vocês propõem a discussão da “letra freudiana”. A letra e a escritura é um fio vermelho que percorre também o conjunto dos trabalhos dos Ateliês. Nesse caso, a letra freudiana é também a letra que se lê nos sonhos, já que são os sonhos de Freud os que ele mesmo se propõe analisar. Ler Freud a partir de Lacan supõe, tal como proposto, a tese de que “o inconsciente está estruturado como uma linguagem”. O trabalho exaustivo de deciframento é absolutamente lacaniano, digamos do primeiro Lacan, que é fundamentalmente simbólico e de retorno a Freud.

Encontro no texto que nos apresentam toda uma declinação de diferentes modos de escritura que escrevem justamente a estrutura e o encadeamento significativo que se tece no ato de falar de cada um: homofonias, *brucke* (pontes), criptografias, inscrições, palimpsestos. Como, a partir dessas escrituras que pareceriam estar des-

³⁷ Texto intitulado “A interpretação dos sonhos - na trilha do significante e do desejo”, escrito por Diego Cervelin, Evânia Reich, Juliana Rego Silva, Márcio Jibrin, Paula Lermen e Sílvia Ghizzo.

providas de gozo (signos, códigos, marcas) alcançam as marcas de gozo inscritas no inconsciente do Um? Passamos do primeiro Lacan ao ultimíssimo... Qual é a operação de leitura que se requer para, além de decifrar, ler o gozo ali preso?

Então, não seria preciso dar revelado à fórmula “a linguagem é uma elucubração de saber sobre a língua” para captar justamente o que em a língua do sonho está para querer gozar e não somente para querer dizer? A distinção entre isso quer dizer e isso quer gozar dá ao sonho e ao sonhar, tal como conversamos ontem, uma perspectiva diferente.

Retomando a referência do *Seminário 25*, se dar conta da pendente das palavras supõe uma certa posição cuja operação Lacan define como leitura. Trata-se de ler a pendente das palavras, seu alcance, como elas se cruzam, como se apartam ou se chocam. São as inclinações e os desvios, as voltas do dito que traçam um percurso analítico e uma orientação que é necessário precisar. Também o relato dos sonhos implica uma pendente de palavras que o analista terá de ler. Por isso, ao final de seu ensino, Lacan propõe: “um sujeito suposto saber ler de outro modo”³⁸. Ler de outro modo a economia de gozo do analisante que a palavra comporta. Quando o analista lê de outro modo, sua operação consiste em adicionar uma pausa, um vazio a essa pendente das palavras, o que pode chegar a transformar toda a economia de um discurso e a vida de um sujeito.

Podemos tomar essa perspectiva em *A interpretação dos sonhos*: a pendente das palavras do sonhante... Os sonhos de Freud tomados como exemplo são sonhos que empuxam desde o corpo: a fome, a necessidade de urinar (apesar de Freud dizer que são os pensamentos que provocaram a necessidade e não a necessidade que provocou o sonho).

Disso me surge a pergunta: o que serve de empuxo no sonho?

Está o impulso estabelecendo conexões e vínculos a serviço do sono (realização disfarçada de um desejo reprimido). Um empuxo simbólico, poderíamos dizer (a intrusão do simbólico). Porém também está o empuxo da pulsão, que impulsiona para encontrar algum destino (de reversão em seu contrário, de inversão de conteúdo).

Ou será que o impulso das conexões é empurrado desde a pulsão? O abuso de nomes também mostra algo desse fator pulsionante que, sem dúvida, se encontra nesse texto inaugural de Freud, que é a marca registrada da letra freudiana.

Em todo caso, remarco o final do texto que me parece muito justo: precisamente por isso sonhamos.

Talvez seja um bom momento para introduzir o Ateliê de Leitura Psicanálise Pura, Psicanálise Aplicada e Psicoterapia.

³⁸ LACAN, 1977/1978.

*Psicanálise pura, psicanálise aplicada e psicoterapia*³⁹

Revisar e colocar a trabalho a distinção entre a psicanálise pura, a aplicada e a psicoterapia é crucial na época atual, em que proliferam as terapêuticas que em muitos casos tomam a palavra como o instrumento a partir do qual operam. Como se distingue a psicanálise delas?

Digamos que o instrumento da palavra em si não é o que nos diferencia. Em todo caso, seu uso. Que uso faz a psicanálise da palavra?

Recordemos que o psicanalista segue a pendente das palavras do analisante... Que uso faz delas no que diz respeito ao sentido? Trata-se de sugestão?

Efetivamente, trata-se de uma diferença teórica, mas, fundamentalmente, ética e política. Trata-se de precisar qual é o tratamento que a psicanálise dá ao sentido. No fundo, a respeito do uso do sentido, não haveria diferença entre a psicanálise pura e aplicada. No texto de J.-A.-Miller⁴⁰ que vocês tomam como referência, ele situa as três respostas que Lacan poderia ter dado a respeito do porquê a psicanálise não é uma psicoterapia.

O grafo do desejo que vocês retomam, quando a eficácia da psicoterapia é concebida a partir do poder sugestivo do Outro da palavra, a psicanálise encontra seu fundamento no desejo do analista, cuja operação supõe um rechaço de dito poder; uma abstenção a se identificar e, ao se apoiar na parte superior do grafo, abre para a dimensão da pulsão.

O desejo do analista faz a diferença entre psicanálise (pura e aplicada) e psicoterapia quando, a partir da construção dos quatro discursos, a psicoterapia se inscreve no discurso do mestre, privilegiando a identificação. Dessa maneira, ela se manifesta como o avesso do discurso analítico.

Por último, em “Televisão”⁴¹, quando estabelece que, diferentemente da psicanálise, a psicoterapia “especula com o sentido”. Trata-se do momento de uma psicanálise concebida fora do sentido, quer dizer, sem ponto capitonê. É uma perspectiva em que a disjunção entre psicanálise pura e aplicada começa a se desvanecer.

A partir do que Lacan propõe em “Variantes do tratamento-padrão”⁴², quando se refere à psicanálise como “uma terapêutica que não é como as outras”, creio que podemos fazer uma distinção entre “terapêutica” e “psicoterapia” e especificar o alcance terapêutico que pode ter uma psicanálise, sem por isso se transformar em uma psicoterapia. A psicanálise aplicada à terapêutica é o que dá lugar aos elementos anormais

³⁹ Texto intitulado “Psicanálise pura, psicanálise aplicada e psicoterapia”, escrito por Adriana Rodrigues, Juliana Rego Silva, Mariana Zélis, Fernanda Segato, Marceli Posamai, Vanina Fiorentino e Jeferson Sehn.

⁴⁰ MILLER, J.-A. Psicanálise pura, psicanálise aplicada e psicoterapia. *Opção lacaniana online nova série*, ano 8, n. 22, mar. 2017. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_22/Psicanalise_pura.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2019.

⁴¹ LACAN, J. Televisão. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 508-543.

⁴² LACAN, J. Variantes do tratamento-padrão. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 325-364.

que as psicoterapias tentam normatizar. Por isso, não é uma terapêutica como as outras.

O caso que tomam é precioso para indicar como a psicanálise devolve ao humano a dignidade da palavra. “Eu não sou esse tipo de autista... Eu sou um autista que faz silêncio”. O discurso analítico está ali para fazer lugar ao não-todo do universo do significante do mestre, criando as condições para a emergência do singular, da invenção, do novo sobre o fundo da repetição e da insistência do universal.

“Que faz silêncio” é o mais singular que o discurso analítico pode fazer ressoar, objetando o discurso universitário que coloca o sujeito no lugar de objeto e objetando também o discurso do mestre que uniformiza o autismo para todos.

Talvez possam nos contar um pouco sobre a dialética entre os discursos em que este sujeito ficou preso e que a psicanálise pôde afrouxar, ao menos um pouco, por um tempo.

Já que esse Ateliê finaliza sua comunicação com o comentário de um caso, podemos continuar com o Ateliê que se propôs a trabalhar “A construção do caso clínico”.

A construção do caso clínico

O que primeiro se destaca no trabalho⁴³ é o significante “clínico”. Efetivamente, trata-se da clínica, mas, fundamentalmente, do modo em que esse clínico se enlaça com a prática. Assim, clínica e prática não se confundem e, apesar de elas se enlaçarem, cada uma conserva sua singularidade. Quando falamos de clínica nos referimos ao caso, um por um, dos tratamentos que levamos adiante. Quando falamos de prática, nos referimos ao analista, um por um, no ato que sustenta.

A experiência do controle⁴⁴ mostra muito bem estes dois lados que atravessam a experiência analítica: controle do caso (clínico), controle do ato (prática).

Uma orientação precisa, diria, que a orientação lacaniana delimita, determina uma clínica que se orienta pelo real. Seja a do analista praticante, seja do analista analisante. Entendo que o praticante se interroga de sua própria experiência de análise, o que está em sintonia com a ideia de Lacan de que o caso clínico, por excelência, ou a construção do caso “exemplar”, é a do AE.

No Ateliê de Leitura sobre “Psicanálise pura, psicanálise aplicada e psicoterapia” diziam que “os limites para a atuação do analista são relativos ao ponto até onde podem avançar em sua própria análise”. A construção do próprio caso é então uma bússola.

A escrita toma relevo na hora da construção do caso, mas me interessou a ideia da escrita do caso e da escritura no caso. Como se escreve o que acontece como escritura no caso? O talento de cada analista na hora de transmitir sua prática se põe à prova cada vez que apresenta um caso.

⁴³ Texto intitulado “Por que um caso?”, escrito por Daniel Wallace, Fernanda Turbat, Lilian Yamagushi, Márcia Frassão, Marilu de Campos Lemos, Mauro Agosti e Rodrigo Ferreira.

⁴⁴ Comumente chamado de supervisão; entretanto, são conceitos distintos.

Na minha experiência como AE, especialmente no primeiro testemunho, havia que decidir, por exemplo, por onde começar. Eu decidi começar pelo final, e a referência foi a referência central que ordenou minha escrita. Enfim, não há regras para a escrita do caso, nem do próprio nem dos tratamentos que dirigimos. Em parte, por isso, Lacan dizia que o AE reinventa a psicanálise, porque cada um o faz a sua maneira. Há tantas psicanálises como há AEs. Há tantas psicanálises como escritas de casos clínicos?

“É necessário dizer o que o analista faz quando faz análise”, diz Lacan. “Dizer melhor o que fazemos”, diz Miller. Aqui, estamos investigando sobre nossa prática a partir de nossa clínica.

Logo, há uma distinção que me parece crucial e toca especialmente os testemunhos que escutamos na comunidade. Uma coisa é contar a vida de um sujeito, sua história, e outra muito diferente, é contar a vida analítica, a *hystoria*. Como dizem no texto, efetivamente não se trata de narrar uma biografia. Há algo da arte da escrita do caso que se consegue quando se alcança certo equilíbrio entre o que se narra e a lógica em que se apoia essa narrativa. Mas também está o afeto. O que do afeto, da satisfação que se faz passar na construção do caso. É colocar em jogo o impossível de dizer, o que escapa à lógica e ao cifrado e que só pode ser captado ao nível do corpo.

Por último, a que chamam de “bibliografia analítica”? Em que se diferenciaria de uma “literatura analítica” ou uma “casuística”?

E, dado que estamos conversando sobre a escrita, penso que é a ocasião para continuar com o Ateliê sobre alguns comentários em torno do *Seminário 18*.

*Seminário 18, De um discurso que não fosse semblante*⁴⁵

Entre a escrita dos quatro discursos e a escrita das fórmulas da sexuação podemos dizer que, nesse seminário, Lacan explora especialmente aquilo que pode se escrever e aquilo que é impossível de escrever. O surgimento da categoria semblante e sua relação com o real comanda a leitura de cada um dos discursos que trabalhou no ano anterior. Há algum que não seria do semblante?

E coloca, além do mais, novas perspectivas sobre conceitos clássicos trabalhados no primeiro ensino, como o falo, que resulta em um mais além do falo, o significante, que resulta na letra, e o sexual, que resulta em sexuação, entre outros. Uma perspectiva em direção ao real, sem dúvida.

Vocês tomam o conceito de falo que, é preciso dizer, se renova totalmente a partir da escrita da função lógica. Assistimos, nesse seminário, ao deslocamento que se produz do falo como significante do desejo (articulado ao NP) ao falo como significante do gozo, um gozo coordenado ao semblante.

⁴⁵ Texto intitulado “Algumas considerações em torno do *Seminário 18*”, escrito por Diego Cervelin, Eneida Medeiros Santos, Gustavo Ramos, Izete Manes, Liège Goulart e Paula Lermen.

Quais conseqüências podem ser lidas desse deslocamento?

Penso que essa passagem lhe permitirá ajustar a função do falo, localizando a possibilidade do não-todo na relação com a norma fálica, quer dizer, em um mais além do falo (o que poderá distinguir um gozo localizado de um gozo deslocalizado). Assim, com a escrita lógica da função fálica, Lacan reduz o mais que pôde a imaginação do falo. O que pensam vocês desse deslocamento?

Também se referem ao conceito de escrita para explorar o que não seria semblante e ali distinguem a letra, marcada pelo fora de sentido, do que é da ordem da representação. Da linguística à escrita chinesa, o gozo encontra um lugar na escritura, imiscui-se (o singular da mão que escreve). Poderíamos colocar nesse lugar o sintoma? Vocês o situam como algo que fala em nós.

Isolar essa letra portadora de gozo em uma análise não é sem conseqüências, porque modifica o estatuto do sujeito de linguagem para um ser de gozo na fala do *parlêtre*. Esse seria o atravessamento do semblante em direção ao real?

Logo, vocês se detêm na dimensão topológica da escritura, demarcam a distinção que faz Lacan entre o escrito (a relação sexual) e a escritura (o furo). “A topologia consiste em fazer furos no escrito”⁴⁶. (Uma letra no lugar de “todos os homens são mortais”). Uma psicanálise também tem essa função? A interpretação analítica fura o escrito?

Por último, vocês tomam os quantificadores para distinguir o que se inscreve (os Universais e os Particulares) do que se escreve. Entendo que a inscrição é o modo em que cada um se inscreve de acordo com seu gozo, estando do lado masculino ou do lado feminino (Todo e Não-todo), mas isso não diz da singularidade do que se escreve... É assim? Mas também está o que não pode se escrever de nenhum modo. Isso seria o ilegível?

Finalmente, chegamos ao último Ateliê, que apesar de trabalhar sobre o *Seminário 1*, levanta uma pergunta do mais contemporâneo.

*O Eu e a tópica do imaginário*⁴⁷

Efetivamente, a pergunta pelo Eu e o imaginário é contemporânea à época e também é contemporânea ao ultimíssimo ensino de Lacan. Aos textos que se propuseram trabalhar, sugiro adicionar “A agressividade em psicanálise”⁴⁸, também atual em nossa contemporaneidade por várias razões, mas, especialmente, porque ali há uma teoria do Ego que vale a pena contrastar com a que Lacan explora no *Seminário 23*, o *sinthoma*, quando se refere ao Ego em Joyce⁴⁹.

⁴⁶ LACAN, J. *O Seminário, livro 18*: de um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 76.

⁴⁷ Texto intitulado “O que é dizer Eu?”, escrito por Fred Stapazzoli, Gustavo Ramos, Jussara Jovita, Leonardo Mendonça e Mercedes Rodrigues.

⁴⁸ LACAN, J. A agressividade em psicanálise. In: LACAN, 1998, p. 104-126.

⁴⁹ LACAN, J. *O Seminário, livro 23* — o *sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 148.

O Eu em referência ao tu abre todo um desenvolvimento sobre as identificações que me parece de absoluta atualidade. Identificações imaginárias? Identificações simbólicas? Inclusive para explorar a distinção entre as identificações que sempre precisam do outro e as nomeações que se apoiam no Um.

Com a tópica do imaginário e o esquema do vaso e as flores se interrogam sobre o campo da ficção. A imagem de coesão por um lado e o que escapa a essa imagem que é mais o desmembrado (o desconjuntado). No *Seminário 10*⁵⁰, Lacan vai inscrever ali o objeto *a*, como o que fica fora da imagem.

Mas o interesse está suscitado na literatura, na autoficção ou ficção de si (de Eu?).

Imagem, linguagem, ficção e realidade são as categorias para abordar o Eu na contemporaneidade. E o caso Ricardo Lísias, que não conhecia, me pareceu apaixonante. “O poder desestabilizador do ficcional para criar efeitos de verdade”⁵¹.

Proliferação de Eus, ruptura das categorias verdadeiro-falso. Onde fica a ficção quando não há vaso nem flor? E ali retomam o termo que propõe Lacan em “O Aturdido”⁵², fixão.

O que ocorre em uma psicanálise?

Uma psicanálise é sem dúvida uma experiência que consiste em construir uma ficção [...], porém ao mesmo tempo, ou em continuação, é uma experiência que consiste em desfazer esta ficção. De modo que a psicanálise não é o triunfo da ficção [do semblante], a qual é mais bem posta à prova em relação com sua impotência para resolver a opacidade do real⁵³.

Mais que o triunfo das ficções, em uma análise o trabalho do analista aponta para a redução das ficções, para não fazê-las consistir e propiciar ao analisante a invenção de uma fixão que recorte “seu” real singular, uma fixão não dependente de nenhum saber, que se localiza mais como o limite mesmo do saber. Aqui situaria a heresia lacaniana: a eleição (*baeresis*) de não se deixar enganar pelo inconsciente e alcançar o real do sintoma, o que o gozo comporta de opacidade irreduzível, conforme Paula Vallejos.

Efetivamente, há uma crise da ficção e a psicanálise de orientação lacaniana contribui para isso. Quem pode dizer Eu depois de ter transitado pela experiência analítica? Ao menos que o sinthoma que cada um é fale...

Tradução: Paula Nocquet

⁵⁰ LACAN, J. *O seminário, livro 10* — a angústia. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 48.

⁵¹ AGUIAR, C. *Cuidado, aquí hay ficción*. Disponível em: <<http://www.laizquierdadiario.com/Cuidado-aqui-hay-ficcion>>. Acesso em: 09 nov. 2019.

⁵² LACAN, J. O Aturdido. In: LACAN, 2003, p. 448-507.

⁵³ MILLER, J.-A. *Sutilizas analíticas*. Buenos Aires: Paidós, 2012, p. 135, tradução do editor.

Referências

- AGUIAR, C. *Cuidado, aquí hay ficción*. Disponível em: <<http://www.laizquierdadiario.com/Cuidado-aqui-hay-ficcion>>. Acesso em: 09 nov. 2019.
- INSTITUTO CLÍNICO DE BUENOS AIRES. *O que é o Instituto Clínico de Buenos Aires?* Disponível em: <<http://www.icdeba.org.ar/template.php?file=el-instituto/presentacion.html>>. Acesso em: 09 nov. 2019.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- _____. *O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____. *O seminário, livro 10 — a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. *O Seminário, livro 23 — o sintoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- _____. *O Seminário, livro 24: L'insu que sait de l'unbewuste*, aula de 10/05/77, inédito.
- _____. *O Seminário, livro 25: o momento de concluir*, aula de 15/11/77, inédito.
- _____. Televisão. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 508-543.
- _____. Variantes do tratamento-padrão. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 325-364.
- _____. A agressividade em psicanálise. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 104-126.
- _____. O Aturdido. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 448-507.
- MILLER, J.-A. et al. *Del Edipo a la sexuación*. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- _____. *Psicanálise pura, psicanálise aplicada e psicoterapia*. *Opção lacaniana online nova série*, ano 8, n. 22, mar. 2017. Disponível em: <http://www.opcaolacanianiana.com.br/pdf/numero_22/Psicanalise_pura.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2019.
- _____. *Sutilizas analíticas*. Buenos Aires: Paidós, 2012.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO ESCRITO DE LACAN *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*⁵⁴

ATELIÊ DE LEITURA A DIREÇÃO DO TRATAMENTO

O lugar do analista

No texto “A direção do tratamento e os princípios do seu poder”, Lacan discorre sobre os efeitos que o analista pode exercer na análise, enfatizando que, na tarefa de dirigir o tratamento e não o paciente, ele faz melhor situando-se em sua falta-a-ser. Quanto maior o distanciamento do seu ser, melhor será a sua interpretação, embora ela seja recebida, pelo analisando, como proveniente da pessoa que a transferência lhe imputa ser. A escuta do analista se acomoda para além do discurso, sem que se force à compreensão ou que esteja impedido de responder. A fala do sujeito, ainda que não seja plena, pois se o fosse seria insuportável, contém poderes do tratamento, cabendo ao analista deixá-lo livre para experimentar a liberdade de utilizá-la, dirigindo-o a vencer a resistência, que se coloca como obstáculo para declarar o seu desejo.

Com o que analista paga

Partindo do princípio que uma análise não é uma conversa entre sujeitos, pois, ainda que analista e analisante sejam feitos do mesmo barro, o analista não molda o analisante à sua própria imagem. Se a direção do tratamento também consiste em fazer operar a regra fundamental da associação livre, não é a partir do seu próprio molde que o analista escuta o tesouro significante do analisante.

Mais próximo de uma subtração do que de uma adição, há algo que se paga, de ambas as partes, para que o analista possa se tornar esse guardião de valiosos segredos e fazer-se de objeto para seu analisante. É por meio de uma renúncia que o analista pode operar o poder da transferência e dirigir uma análise, fazendo semblante não de qualquer objeto, mas de objeto *a* — objeto agalmático.

Mas qual é a substância dessa renúncia? O que o analista subtrai do jogo analítico para que justamente possa jogar? Lacan faz metáfora com o jogo de *bridge*, composto por quatro jogadores, no qual há uma divisão de trabalho. Feitas as apostas e aceito o contrato, é que se dá a partida. O jogador convocado a ser parceiro

⁵⁴ Texto apresentado no Colóquio de Ateliês realizado pelo ICPOL-SC em 09 nov. 2019, escrito por Diego Cervelin, Fernanda Turbat, Márcia Sampaio Goulart e Márcio Jibrin.

do analisante — o morto, que revela parte do jogo — emerge apenas mediante os lances que dá o analista. Esse seria o cacife exigido do analista na partida de análise, o morto, retirando de cena os sentimentos do analista. Sendo, portanto, na sua falta-a-ser que se situa a posição, a jogada do analista. No Real, a tributação é com seu ser, com — *o que há de essencial em seu juízo mais íntimo*⁵⁵, para então, em ato, anular-se como sujeito e fazer semblante de objeto *a*.

Portanto, o analista paga com sua pessoa. Na análise, o analista opera não como quem é, mas, como quem a transferência lhe impulsiona a ser. Para ocupar esse lugar, o analista paga nos três registros: Imaginário, Simbólico e Real. No registro Imaginário o analista paga com sua pessoa, apaga-se como Eu, uma taxa narcísica a fim de emprestar-se à transferência. No registro Simbólico, paga-se com a interpretação, palavras ditas que foram elevadas a esta categoria. No Real, a tributação é com seu ser, com — *o que há de essencial em seu juízo mais íntimo*⁵⁶, para então, em ato, anular-se como sujeito e fazer semblante de objeto *a*.

A lógica da interpretação

Não foram poucas as ocasiões em que Lacan, ao não obliterar as dificuldades nem os eventuais fracassos nos meandros de uma psicanálise, retomou os escolhos para fazer balizas para nosso caminho⁵⁷. Aliás, não haveria nessa consideração um pequeno anúncio daquilo que Miller, anos depois, denominaria “salvação pelos dejetos”?

Nesse escrito, além de tomar distância da prática pautada pela compreensão do eu autônomo — refém do imaginário — ou mesmo pelo estímulo da identificação do paciente ao analista, Lacan lança as bases da formalização e da apreensão lógica tanto do analista... “desimaginarizado” quanto daquilo em que ele pode se apoiar na direção do tratamento e no manejo da transferência. Trata-se de um primeiro momento do ensino que redundará na proposição do analista enquanto produto de uma análise e função de um discurso específico. “A direção do tratamento” ecoa, assim, uma lição de “Função e campo”, i.e., que “a psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente”⁵⁸ — e, na esteira de Freud, não do saber que alguém acredita possuir ao sair da universidade. Lacan é taxativo quando diz que, se, por um lado, ao suspender as certezas e ao ressaltar tanto os significantes-mestre quanto os encontros faltosos diante do real, um analista tem liberdade na prática — e, em menor grau, na estratégia –, por outro, ele se encontra limitado pelo desdobramento que sua pessoa sofre na transferência.

Não é com aquilo que um analista imagina ser que ele dirige um tratamento.

⁵⁵ LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder [1958]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 593.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 593.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 594.

⁵⁸ LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem [1953]. In: _____. 2003, p. 248.

Seus atributos fálicos até podem servir de meio para que se configure uma dimensão transferencial, mas não são eles que garantem um tratamento. Nesse ponto, reiterando que “não há outra resistência à análise senão a do próprio analista”⁵⁹, Lacan destaca algo da lógica do significante e que se apresenta na medida em que não se opere como mestre, nem se confunda com um Outro consistente. Trata-se da possibilidade de introduzir na sincronia dos significantes usados pelo paciente algo como uma tradução — que recai sobre “onde o sujeito se subordina [ao significante] ao ponto de ser por ele subornado”⁶⁰.

A direção da cura e seus significantes

O desejo de trabalhar esse escrito também convoca a precisar três significantes de seu título: “direção”, “cura”, “poder”.

Lacan, com esse texto, concomitante ao seminário “O desejo e sua interpretação”, apresenta a proposta de uma *direção* aos analistas, que é surpreendentemente para a época — não voltada à técnica da psicanálise, mas orientada pelos seus princípios. É um texto que toca os princípios da psicanálise, como o que está em destaque ao sublinhar a fala do paciente.

Lacan persiste em tratar do lugar do analista e nos diz de sua importância para o estabelecimento da transferência. É um texto que não pode ser lido sem escutar o que está também latente: a formação do analista.

Em francês, Lacan opta por trazer o termo *curé*⁶¹ e não *guérison*⁶². A *cura* em psicanálise leva em conta o percurso na qual ela é decantada. Tem relação com o tempo, mas também com a parceria que se estabelece aí. Podemos falar de cura desde que se leve em conta o *pathos* como o que obstrui o desejo e que uma cura em psicanálise é seguida da preposição *com* e não pela. Curar com a psicanálise, com o desejo, com a transferência.

Assim, podemos interpretar o terceiro significante: *poder*. Ao contrário de sublinhar uma relação de força entre um e outro na relação analítica, Lacan nos diz que seu poder está justamente na sua disparidade, não é uma relação dual. Por um lado, o analisante fala, diz do que sofre, transfere seus conteúdos, e de outro o analista, que acompanha o analisante em suas associações, construções, acompanha-o até onde aponta o desejo.

Os “princípios de seu poder” não pode ser escutado sem o equívoco que ele comporta. Indica nesta fórmula o início, o começo de uma experiência com o incons-

⁵⁹ LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Ibid.*, p. 601.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 599.

⁶¹ No Larousse. Termo latim *cura*: 1) Função na qual são ligadas a direção e a administração espiritual de uma paróquia. 2) Tratamento ou hábito de longa duração.

⁶² Desaparecimento total dos sintomas de uma doença ou das consequências de um ferimento com o retorno ao estado de saúde anterior.

VARIDADE

ciente, porque também é um texto que trata de entradas em análise, e indica princípio como condição. Quais são as condições para que uma psicanálise se estabeleça, permaneça e vise um fim, guardando o seu principal poder: a especificidade do desejo, quer dizer, o que há de mais singular em cada caso.

Referências

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder [1958]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

_____. Função e campo da fala e da linguagem [1953]. In: In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

O GOZO INFAMILIAR EM *MISS VIOLENCE*⁶³NÚCLEO PANDORGA⁶⁴*O infamiliar*

O filme *Miss Violence*, do diretor Alexandros Avranas, se faz presente no Núcleo de Pesquisa e Investigação Clínica da Psicanálise com Crianças, o Pandorga, há pelo menos três anos. O período coincide com a abertura do tema de trabalho da Nova Rede CEREDA, Crianças Violentas, e com a divulgação do texto homônimo por Jacques-Alain Miller. Iniciamos o ano de 2019, porém, com a proposta de trabalho do Instituto ser sobre “Interpretação e autismo do gozo”, o que convocou cada um do Pandorga nessa frente de pesquisa. Após muita discussão e o desejo de retomar o filme de Avranas, vimos que nos centraríamos mais em torno do tema autismo do gozo, pois é nele que o filme se centra.

O filme inicia com uma cena de suicídio: no dia de seu aniversário de 11 anos, Angeliki, com um sorriso no rosto, se joga da sacada do último andar onde morava com seus familiares. O que esse ato encobre?

Sobre isso, o Núcleo Pandorga já vem trabalhando nos últimos anos a partir dos temas advindos da Nova Rede CEREDA: Diversidade sexual, Crianças Violentas e A diferença sexual na infância, tema do próximo biênio. Se o sonho já é uma interpretação, um filme também pode nos oferecer preciosos elementos para o despertar da clínica.

Se formos, no entanto, ao “Dicionário da língua alemã”, de Daniel Sanders, sobre a palavra *heimlich*, familiar, teremos a primeira entrada: “pertencente à casa, não estranho, familiar, domesticado, conhecido e aconchegante, caseiro”⁶⁵. É a própria imagem da capa do filme: uma mesa de jantar com os membros de família em seus postos bem estabelecidos, em uma típica cena de almoço de domingo, mas o que faz você pensar que essa família tem algo de oculto e suspeito?, se pergunta Sanders no mesmo verbete anos antes do filme. O infamiliar seria tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas veio à tona, diz Freud no livro *O Infamiliar*, de 1919.

Miquel Bassols nos escreve sobre a incidência do gozo do Um sozinho ao afirmar que “esse deslocamento [de gozo] do eixo horizontal, a relação parental, em

⁶³ Texto apresentado na atividade Conversação entre Núcleos, promovida pelo ICPOL-SC, em 22 nov. 2019.

⁶⁴ Pandorga — Núcleo de Pesquisa e Investigação Clínica de Psicanálise com Crianças é composto por Encida Medeiros, Fred Stapazzoli, Izete Manes, Gustavo Ramos, Jussara Jovita Souza da Rosa (coordenadora), Jussara Duarte Leite, Leonardo Mendonça, Nádia Faraco, Patrícia Torriglia, Soledad Torres e Enedina Martins.

⁶⁵ SANDERS, 1860, apud FREUD, S. *O infamiliar*. Trad. de Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares e Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

direção ao eixo vertical, da descendência, tem conseqüências importantes. Ocorre assim uma crescente valorização da infância da mesma forma que se constata cada vez mais o declínio da imagem do pai [...]”⁶⁶. Éric Laurent vai mais além e afirma que “hoje é a criança quem faz a família, e não tanto o casal parental”⁶⁷.

Jacques-Alain Miller, no seu texto “Assuntos de família no inconsciente”, afirma que a família é unida essencialmente por um segredo, ela é unida por um não dito. Qual seria o segredo? Qual seria esse não dito? É um desejo não dito porque é sempre um segredo sobre o gozo: de que gozam o pai e a mãe?⁶⁸ Bassols continua ao dizer:

O in-familiar, entendendo o in- como a negação do familiar, mas também como o mais interior a ele, o mais próprio, o mais êxtimo [...]. Esse in- que se transforma em ex- é o mesmo que o *Un-* do termo freudiano que designa o in-consciente, *Das Un-bewusste*, e que tornamos a encontrar em *Das Un-heimlich*, o estranhamente familiar. De nossa parte, voltamos a encontrar essa partícula *Un-*, aparentemente negativa, no Um do Um sozinho, do Um sem Outro, do Um sem alteridade possível, que habita o seio de cada uma de nossas línguas mais familiares⁶⁹.

Trata-se, nessa família, da primazia do Um sem o Outro? Quando o Outro não mais existe e está rompido, como nos afirma Laurent, estamos no âmbito do Um, do gozo do Um e, nesse sentido, há fogo, porém como manejá-lo? Como manejar esse gozo infamiliar?

O suicídio

Miss Violence apresenta uma ambigüidade no título: ele pode tanto ser lido como *Miss Violence*, um concurso perverso de violência onde as vítimas são as mulheres dessa família; quanto pode ser lido, escondendo o sujeito do enunciado, o que nos daria a frase “I *Miss Violence*”, eu sinto falta da violência, de violência. Retomando, nesse sentido, o falo e o suicídio, podemos remontá-lo, pois é ele que provoca uma mudança naquele entorno familiar. Sobre esse tema tão presente na clínica adolescente e infantil, Guillermo López, no texto “El suicidio adolescente”, se pergunta

¿Qué hace que algunos jóvenes, al comenzar a arder, no puedan mantener viva la llama sin literalmente prenderse fuego? Lo que

⁶⁶ BASSOLS, M. A língua familiar. In: *Opção Lacaniana*. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. São Paulo: Edições Eolia, n. 79, jul. 2018. p. 7.

⁶⁷ LAURENT, É. A análise de crianças e a paixão familiar. In: _____. *Loucuras, sintomas e fantasias na vida cotidiana*. Belo Horizonte: Scriptum, p. 27-44.

⁶⁸ MILLER, J.-A. Assuntos de família no inconsciente. In: *Asephallus*: Revista do Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo. Rio de Janeiro: UFRJ, n. 4, vol. II, 2007.

⁶⁹ BASSOLS, op cit, p. 39.

gradúa el fuego que quema es el falo, y su significación. Si la articulación entre la posición de goce en el fantasma no logra soldarse al falo, cuando el fantasma vacila; o bien no hay significación fálica, que lo haga posible, el fuego más que mantenerse vivo, incinera y el riesgo de un pasaje al acto está presente⁷⁰.

O que faz com que alguns jovens, ao começar a arder, não possam manter viva a chama sem literalmente se pegarem no fogo? No filme, a graduação do fogo feita pelo falo e a sua significação não é dado o seu lugar. Se há fogo, Há Um. A possibilidade de modulação do se queimar sozinho do gozo autoerótico, em alguns casos com um sorriso no rosto, tangencia a dificuldade da alteridade, da passagem do Um ao Outro, e em se precisar a interpretação quando se está no âmbito da linguagem desatrelada da comunicação. Manter viva a chama d’UOM no âmbito da existência, do gozo sem alteridade que itera a partir de cada língua (in)familiar é pensar a interpretação considerando a linguagem como aparelho de gozo, uma jaculação, “um gozo que encontre um significante adequado”⁷¹.

Sobre a questão do gozo, Romildo do Rêgo Barros, na V Jornada NRC-América, realizada em São Paulo, faz uma importante diferenciação ao dizer que há a violência do gozo sob transferência e o gozo da violência, quando se goza da violência, o que é um importante detalhe clínico e que também nos ajudou a pensar esse segredo do gozo em *Miss Violence*.

Avranas afirmou que a história dessa família foi baseada em um fato que aconteceu na Alemanha. A personagem de Eleni nunca se colocou contra o pai e foi condenada há 15 anos de prisão. O filme traça uma linha tênue entre o momento em que a vítima se torna também um perpetuador da violência, ou seja, de um concurso de beleza a um sintoma falta de violência.

Referências

BASSOLS, M. A língua familiar. In: *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. São Paulo: Edições Eolia, n. 79, jul. 2018.

FREUD, S. *O infamiliar*. Trad. de Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares e Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

⁷⁰ LÓPEZ, G. El suicidio adolescente. In: *AMPBlog: Blog de la Asociación Mundial del Psicoanálisis*. Acesso em: 4 out. 2019. Disponível em: <<http://uqbarwapol.com/el-suicidio-adolescente-guillermo-lopez-eol/>>

⁷¹ MILLER, J.-A. O escrito na fala. *Opção lacaniana online nova série*, ano 3, n. 8, jul. 2012, p. 12. Disponível em: <http://opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_8/O_escrito_na_fala.pdf>. Acesso em: 04 out. 2019.

LAURENT, É. A análise de crianças e a paixão familiar. In: _____. *Loucuras, sintomas e fantasias na vida cotidiana*. Belo Horizonte: Scriptum, p. 27-44.

LÓPEZ, G. El suicidio adolescente. In: *AMPBlog*: Blog de la Asociación Mundial del Psicoanálisis. Acesso em: 4 de out. 2019.

MILLER, J.-A. Assuntos de família no inconsciente. In: *Asephallus*: Revista do Núcleo Sefhora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo. Rio de Janeiro: UFRJ, n. 4, vol. II, 2007.

_____. O escrito na fala. *Opção lacaniana online nova série*, ano 3, n. 8, jul. 2012.

PULSÃO DE MORTE E GOZONA DIALÉTICA SÁDICO-KANTIANA DO SUPEREU

MATHEUS FELIPE DE CASTRO⁷²
matheusfelipedecastro@gmail.com

No Homem dos Ratos, eternizado por Sigmund Freud em seu texto *Observações sobre um caso de neurose obsessiva*, de 1909, há uma provocação feita pelo pai de Ernst Lanzer, que ressoa com a força de um imperativo, de um significante: “esse menino será ou um grande homem ou um grande criminoso”⁷³. Sabemos a partir de Freud, que a inscrição desse significante no Homem dos Ratos se deu pela via da obsessão. Mas, libertos do sentido jurídico dos significados de homem de bem ou criminoso, próprios da cultura, e apegados ao que na linguagem “faz injúria ao sujeito” (Lacan)⁷⁴, a frase convida a olhar para esse momento misterioso da escolha inconsciente que poderia levar o sujeito à neurose ou à perversão.

Há muito tempo me intriga, no texto “Kant com Sade”, de Lacan⁷⁵, a afirmação de que um complementar o outro numa fantasia comum, sendo possível afirmar que a *Filosofia na alcova* representaria a verdade da *Crítica da razão* prática. Como o autor do imperativo categórico e sistematizador da moral moderna poderia complementar o Marquês cuja proposta filosófica foi exatamente a perversão de toda moral existente?

Assim colocada a pergunta, a tentativa de ensaiar uma resposta pela via do encontro entre neurose e perversão se torna muito forte. Afinal de contas, sabemos que se o sujeito neurótico seria marcado pelo Nome-do-Pai, por uma castração que o constituiria como sujeito cindido (ação de uma *Spaltung* fundante), que projeta no Outro o seu desejo de completude, a perversão, como estrutura, se caracterizaria pela negação da divisão fundamental no sujeito: o perverso seria aquele que negaria a sua castração e a projetaria no outro, fazendo-se dono e senhor da lei, um sujeito não clivado, livre de lacunas. Ademais, foi o próprio Freud quem autorizou essa interpretação, quando numa conhecida carta a Fliess, de 1897, afirmou que “a neurose é o negativo da perversão”.

⁷² Doutor em Direito pela UFSC-Universidade Federal de Santa Catarina (2009) e Pós-Doutor em Direito pela UnB-Universidade de Brasília (2017). Professor de Direito Processual Penal na graduação em Direito e no Programa de Pós-graduação profissional (mestrado) em Direito e Acesso à Justiça da UFSC e professor de Criminologia na graduação em Direito e no Programa de Pós-graduação (mestrado e doutorado) da UNOESC-Universidade do Oeste de Santa Catarina. Coordenador do *Cautio Criminalis*-Grupo de Estudos e Pesquisas em Realidade do Sistema Penal Brasileiro. Participante do Curso de Psicanálise de Orientação Lacaniana do ICPOL-SC.

⁷³ FREUD, Sigmund. Observações sobre um caso de neurose obsessiva. In: _____. *Obras completas volume 09*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 47.

⁷⁴ SOLER, Colette. A hipótese lacaniana. In: *Percursos*, n. 29, 02/2002, p. 08.

⁷⁵ LACAN, Jacques. Kant com Sade. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Assim, no encontro de “Kant com Sade”, teríamos o encontro do neurótico e do perverso, onde um forneceria a verdade do outro. Se o perverso negaria a castração, deslizando-a para o outro, o neurótico permaneceria no campo da inscrição do Nome-do-Pai, na banda da interdição, da cisão subjetiva, sofrendo com a impossibilidade do gozo. Talvez por isso, Stoller⁷⁶ sustentara a necessidade social da perversão como uma forma de demarcação do campo da moral sexual neurótica.

Outra tentativa seria seguir pela linha traçada por Elizabeth Roudinesco, que localiza o abjeto e o sublime no interior da estrutura perversa. Em seu ensaio *A parte obscura de nós mesmos*, a autora apresenta a perversão como uma estrutura comum tanto aos santos da Idade Média, que ao praticarem a ascese, o autoflagelamento e outras práticas de anulação do próprio corpo, pretendiam criar uma ligação direta com o divino, uma epifania (a negação da dúvida no divino era projetada no descrente), quanto nos libertinos do iluminismo, cujo representante literário máximo foi o próprio Sade⁷⁷.

Uma última via de compreensão poderia ser desenhada a partir da transição da compreensão do supereu de Freud a Lacan e, penso, essa parece ser a via mais preñe de possibilidades já que nesse percurso podemos observar transições semelhantes àquelas ocorridas nos conceitos de pulsão de morte e gozo, substâncias operadas pelo supereu como um modal econômico de suas distribuições, impactando frontalmente na relação do inconsciente com a moral, ou seja, com os imperativos da cultura.

As transformações no conceito do supereu, de Freud a Lacan, podem ser comparadas à transição das propostas de Kant a Sade: com Freud, o supereu foi identificado ao imperativo categórico de Kant, àquilo que *interdit*; com Lacan, o supereu foi identificado ao imperativo de gozo de Sade. Em meio a essas duas dimensões do supereu, o amálgama seria realizado por uma lei insensata (porque nega a si mesma: *summum ius, summa iniuria*), se alimentando do interdito para provocar o gozo.

Em Lacan, o supereu não seria exatamente a instância do veto, como em Freud. O que interdita seria o Nome-do-Pai⁷⁸, a inscrição do ser falante na ordem simbólica que traria em si uma limitação de gozo. O supereu mandaria gozar loucamente. Mas ao impor um gozo enlouquecido, pura pulsão de morte, faria o sujeito sofrer pelo impossível de um gozo absoluto. E aí surgiria a cisão, a divisão inerente a todo sujeito neurótico. Foi essa dimensão do fenômeno que foi capturada por Freud e que desenhou um supereu repressor, cruel e desmedido, pai reconhecido da culpa, mas que tornaria possível o laço social.

Na visão lacaniana, o supereu, “essa figura obscena e feroz”, não estaria preocupado em adequar o sujeito às boas regras de convivência na cultura, nada tendo para

⁷⁶ STOLLER, Robert. *Perversão: a forma erótica do ódio*. São Paulo: Hedra, 2014, p. 327.

⁷⁷ ROUDINESCO, Elizabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 11.

⁷⁸ CORDEIRO, Naiana Moura Lopes; BASTOS, Angélica. O supereu: imperativo de gozo e voz. In: *Tempo psicanalítico*. Vol. 43, n. 02, Rio de Janeiro, dez/2011, p. 450.

impor de moral ao indivíduo, papel que pertenceria ao Ideal de Eu. O supereu seria cúmplice do gozo, não da lei. Nessa luta entre o desejo e a lei surgiria o intruso superego a exigir que se transgrida o que está proibido desde sempre na cultura e que, por ser impossível, fará inevitavelmente sofrer, potencializando — também ela! — a culpa pressionada pela lei insensata que manda gozar e se abster numa espiral de repetição.

Como isso seria possível? Ora, não há desejo sem lei. É a interdição que funda o desejo e permite a sua lógica. Assim, como na pulsão de morte toda pulsão de vida realiza o seu desígnio, no supereu a proibição se encontraria a serviço da promessa de gozo. Tratar-se-ia da exigência de uma renúncia à satisfação ligada à pulsão de morte, da agressividade e da destrutividade, que em qualquer caso produzirá infelicidade para o Eu, já que nenhuma renúncia pulsional é gratuita.

O supereu não considera os interesses do sujeito nem o princípio do prazer. Possui a sua própria lógica insensata que manda gozar e que esbarra num impossível. Regula, assim, uma economia da pulsão de morte e do gozo que é determinante para o conhecimento do sujeito cindido da psicanálise: a dimensão do imperativo categórico.

Em Kant vamos encontrar o imperativo categórico: age como se a máxima do teu comportamento pudesse ser elevada à categoria de uma lei geral. Ou seja, age como se a lei que governa seus atos pudesse ser considerada um modelo ético de validade geral e abstrata para todos os seres viventes, em todos os tempos, em todos os lugares. O tipo de anulação que esse Ideal de Eu estabelece é uma forma de renúncia pulsional que toca a abjeção do próprio corpo. A lei moral kantiana condena à morte o desejo, entendido como uma “patologia”⁷⁹, recalçando-o no discurso do *dever* moral.

Em Sade, também vamos encontrar um imperativo categórico: age como se a máxima do teu comportamento pudesse ser elevada à qualidade de um crime, de um escândalo universal. Nessa versão do imperativo categórico, o *outro* reaparece (como o atormentado) e o desejo vem à tona. A lei do gozo é declarada como instrumento voluntarista da “minha” liberdade: *Gozar!* Sade revelaria, assim, a verdade da teoria moral kantiana: não uma teoria da liberdade, mas do desejo recalçado em nome da cultura.

Na dialética das duas versões da máxima, não se trata de aderir ao discurso neurótico obsessivo de um, ou ao discurso perverso do outro. Em ambas parece que podemos encontrar a atuação insensata do supereu impondo ao sujeito um gozo absoluto que sendo irrealizável fará sofrê-lo: no caso de Kant, porque nenhum recalque do desejo é sem retorno; no caso de Sade porque o gozo absoluto conduziria à morte.

Em “Kant com Sade” há algo de um encontro sadomasoquista: na versão superegóica de Kant, se pretende anular o gozo numa fantasia de se tornar objeto do

⁷⁹ ROUDINESCO, 2008, p. 129.

interdito do grande Outro. Na versão superegóica de Sade, se pretende transgredir a interdição bordeando a fantasia de um gozo sem limites. A interdição do Nome-do-Pai cumpriria funções para o gozo muito semelhantes àquelas que a pulsão de vida cumpriria para a pulsão de morte.

O supereu seria um paradoxo que se alimentaria da renúncia que ele mesmo demandaria. A obediência à lei moral kantiana não se fundamentaria no princípio do prazer, num bem para o sujeito, mas numa renúncia dele. Isso faz escolha por uma das dimensões do supereu, exatamente aquela que demanda a abstinência ao gozo. Essa é a lógica que guia uma forma específica de saída perversa para o dilema neurótico: sublimação ou sofrimento.

Sade representaria a dinâmica do supereu lacaniano, um supereu mais entremeado de gozo que de lei, de agressividade filha da pulsão de morte. Kant representaria o Nome-do-Pai, da autoridade simbolizada na figura paterna, das exigências do significante. Nesse encontro, onde se tocam as necessidades da cultura e da pulsão, do simbólico e do gozo, enfim, da própria dinâmica do desejo (desejo do Outro) e do objeto *a* (pura falta, negatividade), é que se insinua a falta-a-ser estrutural de todo ser falante.

Referências

- CORDEIRO, Naiana Moura Lopes; BASTOS, Angélica. O supereu: imperativo de gozo e voz. In: *Tempo psicanalítico*. Vol. 43, n. 02, Rio de Janeiro, dez/2011, pp. 439-457.
- FREUD, Sigmund. Observações sobre um caso de neurose obsessiva. In: _____. *Obras completas volume 09*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- LACAN, Jaques. Kant com Sade. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 776-803.
- ROUDINESCO, Elizabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- SOLER, Colette. A hipótese lacaniana. In: *Percurso*, n. 29, 02/2002, pp. 05-13.
- STOLLER, Robert. *Perversão: a forma erótica do ódio*. São Paulo: Hedra, 2014

Intercâmbio

O PROBLEMA PSICANALÍTICO DOS EFEITOS TERAPÊUTICOS⁸⁰

GUY TROBAS⁸¹
guy.trobas@free.fr

É a segunda vez que irei compartilhar com vocês, e neste Instituto Clínico, um lindo momento de reflexão. Muito obrigado por esse segundo convite, digamos, advertido. Digo isso porque já me escutaram uma primeira vez e essa experiência não desencadeou este “desejo advertido”, que atua, segundo Lacan, nas condutas fóbicas!

Pois bem, imagino que o título de minha conferência — “O problema psicanalítico dos efeitos terapêuticos” — possa comportar o vestígio da ambiguidade que queria evitar. De fato, não quero propor o tema da existência, da constância e da frequência dos efeitos terapêuticos na prática psicanalítica — sua eficácia, para resumir. É verdade que há atualmente uma pressão interna da ideologia e das práticas de avaliação generalizada para nos convocar, a nós analistas, sobre esse terreno, nesse debate. É uma armadilha.

É uma armadilha porque, no que diz respeito à eficácia terapêutica, há um incomensurável, uma falta de medida comum entre a ideologia precedente, suas técnicas e nosso modo de apreciá-la. Não há medida comum entre a perspectiva cientificista da avaliação que procura fazer crer que consegue realizar a operação de forclusão do sujeito no discurso da ciência — é uma impostura e, por isso, falamos de cientificismo — e, ao contrário, o lugar central que, em nossa perspectiva, damos ao sujeito dividido em sua própria avaliação. Aqui, há um hiato entre duas lógicas: a do universal e a da singularidade absoluta do sujeito.

Às vezes, como podemos observar em nossa prática, esse hiato radical se manifesta no discurso de nossos pacientes sob a forma de algo paradoxal que coloca muito bem em relevo a oposição nítida entre aquelas duas perspectivas. Assim, por exemplo, um senhor que sai de um longo e profundo estado ansioso depressivo — algo que é um êxito sob o ponto de vista supostamente objetivo do psiquiatra que lhe receita vários psicotrópicos –, pois, esse senhor, meu paciente, se queixou durante meses de se sentir demasiadamente neutro, sem a ansiedade que dá cores às coisas da vida. O único que lhe parece intenso é seu ódio aos seus pais. Outro exemplo inverso. Uma senhora continua apresentando uma grande variedade de sintomas, inclusive intensos fenômenos do corpo. O tratamento, “objetivamente”, é um fracasso, mas essa paciente se tornou otimista, sua angústia baixou e diz que se sente em uma virada que

⁸⁰ Comunicação realizada em 17 set. 2019, seguida de conversação clínica realizada com a colaboração do Ateliê de Psicanálise Pura, Psicanálise Aplicada e Psicoterapia.

⁸¹ Analista Membro da Escola, membro ECF/EOL/NLS/AMP.

a alma com seu parceiro e em sua profissão.

Para dizer de outro modo, mais simples, se alguém nos pergunta, por exemplo, “você trata a depressão, a fobia etc.”, como se se tratasse de objetos “objetivados”, não podemos responder afirmativamente, tampouco negativamente, posto que em nossa orientação, em sua lógica, não é uma questão pertinente. Tentar responder, matizando o binário sim-não, é cair na armadilha. O único que podemos responder é que nossa lógica de avaliação é diferente e isso necessita de uma explicação para aclarar a nossa concepção do tema. Suponho que vocês tenham essa experiência e que observaram que, quando alguém formula essa interrogação em termos de sim ou não, não está muito disposto a escutar algo mais complicado ou sutil!

Em resumo, não tratamos toda essa variedade de supostos objetos patológicos definidos *a priori* e que são somente signos que representam algo em tal ou qual semiologia. O que tratamos está circunscrito no termo da demanda, quer dizer, o modo segundo o qual um sujeito particular irá apresentar e desenvolver os significantes que lhe permitem fazer de sua queixa uma chamada ao Outro que poderia aliviar, curar, o que sua queixa aponta e circunscreve como sofrimento singular, quer dizer, sem resposta no universal.

Tudo isso não nos impede de considerar o terapêutico, mesmo na perspectiva de uma suposta objetividade médica, pois fica claro que em nossa prática analítica também o produzimos. Porém, ao comprometer-se com essa avaliação, também pode apresentar-se outro tipo de armadilha, ou pelo menos de deslizamento, ou seja, entrar no registro imaginário de uma forma de rivalidade com as outras práticas ou de justificação tola. Isso não corresponde nem mais nem menos senão ao perigo contra o qual Freud nos avisou: o perigo do “orgulho terapêutico”. Lacan, em seu estilo crítico incisivo, também aponta para essa deriva em seu escrito “A direção do tratamento”, zombando da “pretensão [dos terapeutas] de se bastarem com a eficácia”⁸².

Na realidade, parece-me que o maior alcance dessa crítica irônica se situa em outra frase de Lacan, em “Televisão”: “Uma prática não precisa ser esclarecida para operar”⁸³. Aqui está o ponto onde queria chegar para examinar um pouco nosso “problema psicanalítico” em relação aos efeitos terapêuticos.

Já faz bastante tempo que essa frase abrupta acompanha minha reflexão sobre minha prática. Na medida em que seu contexto nos indica que *operar* é um sinônimo de *tratar*, sua significação é muito clara. Todas as práticas que usam a palavra, a medicina, as terapias de todo tipo, inclusive a psicanálise, podem ter efeitos terapêuticos sem, precisamente, a dimensão das luzes da razão e da lógica que Lacan aponta através da expressão “prática esclarecida”.

⁸² LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 593.

⁸³ LACAN, J. Televisão. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 512.

Então, podemos afirmar que Lacan nos convida, nos convoca a não nos satisfazeremos com nossa eficácia sobre a inibição, o sintoma e a angústia! Temos que esclarecê-la, esclarecer o que faz a lógica que diferencia a psicanálise de todas as outras práticas.

Não se contentar com nossa eficácia e até mesmo manter um pouco de distância em relação a ela já é uma maneira de levar em conta o outro perigo que, para Freud, representa o *furor sanandi*, a necessidade enfurecida de curar. Isso, que pode figurar como um lugar comum em nosso próprio Campo Freudiano, há aproximadamente quinze anos, assumiu uma atualidade nova, um relevo especial com a criação de vários dispositivos institucionais de tratamentos breves, tais como o CPCT (Centro Psicanalítico de Consulta e Tratamento).

De fato, nesses dispositivos, foi possível obter certa eficácia a curto prazo — dezesseis semanas no CPCT de Paris. Relevo especial, eu dizia, porém, na realidade, os efeitos terapêuticos rápidos, às vezes, fulgurantes, inclusive em nossos consultórios particulares, nunca foram raros. A diferença entre esses dois resultados é que, nesses dispositivos, eles fazem parte dos objetivos, enquanto que na nossa prática liberal eles são, no mais das vezes, uma surpresa.

É justamente na prática liberal que um efeito terapêutico fulgurante nos mostra um problema específico e até nos perturba se quisermos dar conta de sua lógica. Mais precisamente, surge uma interrogação: essa eficácia está determinada por outra coisa que um efeito de sugestão agindo no início da transferência?

Freud, Lacan e outros reconheceram e reconhecem a eficácia impactante da sugestão sobre a subjetividade e, em particular, no domínio dos sintomas. O problema é que, em nosso campo, a sugestão fortalece as identificações e, como Lacan o observa, é um caminho que se dirige ao pior, especialmente no registro da alienação coletiva.

Pois bem, como argumentar para sustentar que os efeitos terapêuticos que alcançamos operam de um modo que se destaca, se desprende do apoio privilegiado na sugestão? Como nos distanciamos da diversidade, cada vez maior, das psicoterapias cujo uso da sugestão é, às vezes, manifesto, às vezes, oculto, mas sempre privilegiado?

Temos uma grande variedade de possibilidades doutrinárias para orientar uma demonstração da especificidade da psicanálise. Por exemplo, entre outras possibilidades, o privilégio absoluto dedicado ao saber do paciente ou a introdução da diferença entre a verdade e o saber, sua articulação. Temos ainda, a rejeição — como Freud o fez inicialmente — dos poderes que a sugestão oferece, ou, todavia e certamente, a análise do analista, que lhe permite excluir preconceitos nos domínios dos ideais e da sexualidade etc.

Não obstante, para entrar nessa reflexão à qual os convido, o que me parece mais adequado, em primeiro lugar, é aceitar que a sugestão faz parte, também, de nossa prática. É uma observação desagradável, mas é assim. É um fato que faz parte de todo laço social, quer dizer, é algo estrutural em relação ao qual, precisamente, temos que nos situar ética, política e tecnicamente.

Para dizer de outro modo, com Lacan no seminário *O desejo e sua interpretação*, a sugestão que queríamos evitar faz parte de “o que tem de equívoco nossa prática”⁸⁴. Por isso, é uma questão crucial que nos convoca entre, por um lado, um uso metodológico, técnico e estratégico da sugestão e, por outro lado, sua rejeição, posto que entra em total contradição com nossa ética da verdade como causa e como posta em juízo de toda alienação a um mestre. Digo questão crucial, porque implica pelo menos uma “aporia teórica”. Com efeito, primeiro, sabemos que a sugestão alimenta, faz parte do efeito que chamamos, com Freud, transferência; segundo, também sabemos que interpretar a transferência abre a possibilidade de analisar o que atua na sugestão, mas, em terceiro lugar, e como Lacan enfatizou, repetiu muitas vezes em seu ensino, a interpretação será recebida da mesma posição subjetiva que o analisante atribui ao analista em dita transferência. Isso quer dizer, especialmente se pensarmos no final de análise, que logicamente ficará “uma margem irreduzível de sugestão, um elemento sempre suspeito”⁸⁵. É exatamente nesse nível lógico que Lacan sustenta que, ao fim e ao cabo, não se interpreta a transferência, o que não quer dizer, para ele, que não se analise. Analisa-se de outra maneira, através do manejo da transferência pelo desejo do analista e pela técnica do corte. Deixo de lado, por ora, esse ponto para retornar sobre a sugestão que capta, aqui, nossa atenção.

Primeiro, uma breve recapitulação. A sugestão tem uma estrutura. É a mesma que a da hipnose. É, como diz Freud, “uma versão parcial” menos acentuada; *soft*, diríamos nós. Impõe-se ao sujeito sem que o saiba e atua, como Freud indicou, sem precisar de qualquer dispositivo ou artifício. Seguindo Freud, Lacan retoma essa estrutura e a enuncia nos seguintes termos: “confusão, num ponto, do significante ideal em que o sujeito se refere com o *a*”⁸⁶. Por significante ideal, Lacan entende aquilo que escreveu com o I — Ideal do Eu, e o *a* está implicitamente aqui sob a forma de *i(a)*. Essa estrutura poderia ser escrita $I \langle \rangle a$, e também, $I \langle \rangle i(a)$.

Essa confusão, essa conjunção é necessária para que se produza o “efeito sugestão”, que é um efeito de alienação da singularidade do objeto causa de desejo de um sujeito em um traço simbólico identificatório (um S_1). E no encontro com um analista, como isso se produz?

Trata-se, então, de que o sujeito reconheça, encontre em seu interlocutor um eco no registro do que causa seu desejo inconsciente. Em outras palavras, a sugestão entra de verdade em jogo com um analista quando o sujeito instaura com esse interlocutor — cito Lacan — “uma relação [...] cujo centro é ao nível desse significante privilegiado chamado Ideal do Eu, na medida que, des-

⁸⁴ LACAN, J. *O Seminário, livro 6 — o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016, p. 384.

⁸⁵ LACAN, J. *O Seminário, livro 8 — a transferência*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 219.

⁸⁶ LACAN, J. *O Seminário, livro 11 — os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 258.

de ali, se sentirá tão satisfatório quanto amado?”⁸⁷. (Podemos escrevê-lo assim: $I \rightleftharpoons i(a)$). É nesse momento estrutural específico — que Freud não tem medo de aproximar ao “estado de enamoramento” —; é nesse momento que se intensifica o efeito de sugestão que habita intrinsecamente o Eu. Momento inicial de uma transferência que prevalece no imaginário. Ademais, ponto importante, é com esse impulso que implica o objeto a , incluído em sua formação imaginária $i(a)$, que se desdobra a cadeia significativa do inconsciente, quer dizer, dessa vez, o efeito transferência no simbólico.

A transferência, como diz Lacan no *Seminário 5, As formações do inconsciente*⁸⁸, é uma “articulação secundária” da sugestão. Ou melhor, conforme o indica o termo “articulação”, seu estabelecimento, seu enredo, seu fundamento simbólico também no significante. Mais precisamente, essa “articulação segunda” da sugestão na transferência é uma articulação cujos significantes, ao circularem na cadeia significativa inconsciente, possuem um estatuto preciso: são significantes da demanda de amor, são significantes que estão em jogo na função do Ideal do Eu e aos quais o sujeito permanece fixado através de sua identificação que resulta da frustração de tal demanda. Isso quer dizer que a transferência, por seu lado simbólico, inclui “em potência”, de acordo com a expressão de Lacan, uma possibilidade para analisar a sugestão e seus efeitos, os quais se impõem no registro imaginário do Eu. Consequentemente, analisar a sugestão supõe, em nossa prática, não responder à demanda do amor, não a satisfazer precisamente para produzir sua regressão e, ao mesmo tempo, as escansões dos significantes ideais aos quais o sujeito está fixado. Lembro-lhes de que o sujeito se fixou a tais significantes porque eles representam um suposto vínculo entre o simbólico da demanda do Outro e o objeto pulsional ($S \langle \rangle D$, como escreve Lacan).

Responder à demanda de amor é fortalecer a conjunção — na realidade, uma ficção de conjunção — entre o ideal e o objeto, e suprimir o hiato entre a transferência e a sugestão. Se queremos descolar nossa prática da base que ela encontra na sugestão, é preciso restabelecer e manter a distância, esse hiato, entre o Ideal do Eu e o objeto. Esse é o primeiro passo lógico! Por quê? Porque é no polo I que, no eu ideal, $i(a)$, se produz a ficção — imaginária certamente — de uma harmonia entre o simbólico e o real. Ou então, para dizer de outra forma, a ficção, a miragem de se fazer reconhecer como sujeito no simbólico e no imaginário seria a mesma coisa que encontrar o objeto causa de seu desejo — distinção essencial em Lacan entre reconhecimento e encontro. Ora, muito pelo contrário: nesse encontro, o sujeito se desvanece, se elide (elisão, *fading*) e, portanto, não é reconhecido!

Suponho que, aqui, vocês se dão conta de uma possível contradição: de fato, por um lado, se para um sujeito temos esse efeito de transferência no imaginário

⁸⁷ LACAN, J, 1998, p. 265.

⁸⁸ LACAN, J. *O Seminário, livro 5 — as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 439-440.

que constitui a sugestão, então, isso quer dizer, como Lacan aponta, que encarnamos algo de seu ideal de eu (I). Além disso, ele nos indica que devemos assumir isso e até mesmo utilizar o poder que isso nos confere. Aparentemente, tocamos aqui a contradição em nosso desejo de tratar a sugestão como alienação. Na realidade, não é uma contradição, mas uma questão de tempo lógico: é essa posição de analista (como I, como A, como Sujeito Suposto Saber) que favorece a emergência e o desdobramento da transferência em sua vertente significante, em suas cadeias inconscientes, um desdobramento que condiciona a pertinência do registro da interpretação e o poder da análise da materialidade significante da transferência — o que se repercute na sugestão! Dito de outro modo: a análise das cadeias significantes que nos apresenta a dinâmica do deslocamento transferencial se faz às expensas da sugestão e de seu poder hipnótico.

Aí, nessa política e nessa estratégia, temos uma ajuda importante. Essa ajuda é o desejo do sujeito, mais precisamente, como sublinha Lacan, “o desejo de ter seu desejo”⁸⁹. É esse mesmo desejo que resiste à sugestão e constitui sempre um limite na prática da hipnose — ponto que Freud já havia assinalado. Além disso, esse apoio sobre o desejo do sujeito se torna tão mais consistente, tão mais eficaz, na medida em que o trabalho sobre as identificações operantes nos sintomas e nas inibições as atenua, às vezes, as dissolve ao proveito do desprendimento de tal desejo.

Entretanto, nessa lógica, o objeto real da pulsão, o objeto causa de desejo permanece velado pela alienação do sujeito ao significante e aos seus efeitos de sentido. Assim, no tratamento, isso talvez possa desembocar na construção da fantasia fundamental e em sua axiomática, que determina o sentido da realidade do sujeito. Porém, se queremos tocar verdadeiramente o corte entre o significante e o objeto, marcar a distância entre o I e o *a*, para tratar a sugestão como sintoma de nossa alienação subjetiva, é preciso dar um passo a mais.

De fato, se nós, analistas, nos apoiamos sobre a elucidação da alienação significante por meio das interpretações do desdobramento regressivo dos significantes da demanda de amor, não é para sustentar um suposto poder idealizado do significante sobre o real. Na realidade, temos aqui uma responsabilidade em relação à verdade: a de enfatizar a impossibilidade do significante para significantizar o objeto pulsional. É uma maneira de colocar em evidência o que Lacan chama de estatuto de semblante do significante. Consequentemente, do lado do analista, isso supõe que se, por um lado, seu desejo lhe permite assumir o lugar de $I_{(A)}$ que o sujeito lhe transfere, por outro, esse mesmo desejo deve manter o vazio da resposta significante à interrogação desse sujeito sobre seu desejo. Aqui importa precisamente a maneira de colocar-se a serviço do semblante e de não alimentar uma impostura. Isso implica — ponto fundamental — que, na medida em que a questão do sujeito

⁸⁹ LACAN, 1999, p. 439

sobre seu desejo se orienta a partir do desejo do Outro, devemos — nós, analistas, que nos qualificamos de lacanianos — manter a opacidade do x do desejo do Outro para que o sujeito encontre o real de seu singular objeto causa de desejo. É nesse momento lógico, geralmente acompanhado de diversas formas de angústia, que caem outros semblantes, semblantes de objetos libidinais. Também é nele que cai ao máximo o poder da sugestão — digo ao máximo porque, como Lacan aponta, ele é ineliminável, justamente porque faz parte da estrutura do inconsciente.

Pois — e concludo — é aqui que o modo de intervenção do analista, nesse segundo passo, deve apontar para além dos significantes, cuja função, entre outras, é a de nos fazer tomar o simbólico pelo real — miragem do simbólico! Há uma palavra de Lacan para designar este modo de intervenção do analista — esse outro modo de intervenção bem diferente daquilo que chamou, no início de seu ensino, de escansão e de pontuação — é a palavra corte. O corte não é a escansão ou a pontuação (são termos sinônimos para Lacan). Quiçá falaremos disso outra vez!

Tradução: Paula Nocquet

Referências

- LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. Televisão. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. *O Seminário, livro 6* — o desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- _____. *O Seminário, livro 8* — a transferência. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- _____. *O Seminário, livro 11* — os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.
- _____. *O Seminário, livro 5* — as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Varidade, Revista do Instituto Clínico de Psicanálise de Orientação Lacaniana de Santa Catarina, anualmente publica artigos que demarquem a circunscrição lógica específica e as possibilidades de trabalho desse Instituto e, ao mesmo tempo, a sua articulação com a Escola. A aprovação e a publicação dos artigos competem à decisão da Diretoria do Instituto, com a colaboração do Conselho Editorial. À Equipe de Publicação compete compor os textos que serão publicados em cada número e auxiliar os autores com a construção do texto, respeitando estilo e ideias, entretanto, reservando o direito de introduzir correções quanto ao vernáculo e à digitação. Os textos submetidos devem estar formatados conforme as normas produzidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas, segundo a lista abaixo:

AUTOR	TÍTULO	DATA
ABNT	NBR 6022 – Informação e documentação – Artigo	2003
ABNT	NBR 6023 – Informação e documentação – Referências	2002
ABNT	NBR 6024 – Informação e documentação – Numeração progressiva	2003
ABNT	NBR 6028 – Informação e documentação – Resumos	2003
ABNT	NBR 10520 – Informação e documentação – Citação em documentos	2003

Os textos submetidos à Revista *Varidade* devem ser enviados em fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço entrelinhas 1,5, para o endereço eletrônico institutohcpolsc@gmail.com. Para mais informações sobre as normas e a política editorial da revista, além do correio eletrônico, entre em contato pelo telefone (48) 3365-1361.

VARIDADE

ESTE LIVRO, COMPOSTO NA FONTE GARAMOND,
FOI IMPRESSO EM PAPEL PÓLEN 90G, NA GRÁFICA POSTMIX.
FLORIANÓPOLIS, BRASIL, VERÃO DE 2020.